

Cátedra do Colégio Brasileiro de Altos Estudos  
Candidatura para o edital 2025

**Sobre as disputas pelos usos do passado;  
Memória, Trabalho, Movimentos, Direitos Humanos**

Candidato a coordenador da cátedra: **José Sergio Leite Lopes**

Patrono proposto: **Afrânio Raul Garcia Jr**

**Sumário:**

- (\*) Introdução
- (1) Trabalho e Memória
- (2) Memória e Movimentos Sociais
- (3) Memória, Trabalho, Justiça de Transição e Direitos Humanos
  - (3.1) Como nossas pesquisas iniciadas nos anos 70 encontraram a justiça de transição dos anos 2000
  - (3.2) As atividades do Núcleo de Memória, Movimentos Sociais e Direitos Humanos, assessor da CMV/UFRJ
- (4) Memória, preservação digital e a circularidade entre pesquisa, arquivamento e divulgação científica
- (5) Redes de pesquisadores
- (6) Atividades propostas
- (\*\*) Bibliografia

**(\*) Introdução**

Minha trajetória acadêmica esteve envolvida com pesquisas etnográficas e historiográficas sobre grupos de trabalhadores urbano/industriais e trabalhadores rurais, estudos estes que incluíam análises de situações de conflito. Tais situações produziram movimentos sociais correspondentes, confrontados com diferentes formas de repressão por parte de proprietários e empresários e/ou pela violência de Estado. Esta vivência específica como pesquisador me levou a propor uma cátedra que pudesse propiciar estímulo para redes de investigadores interessados no cruzamento produtivo de um conjunto de temáticas distintas, mas inter-relacionadas, tais como as apontadas no subtítulo deste projeto. Já o mote do título é alusivo ao fenômeno da disputa pelos usos do passado estudado em todos os domínios das ciências sociais e históricas (e que podemos ilustrar com o sucesso editorial da coletânea organizada por Eric Hobsbawm e Terence Ranger em 1983 *A Invenção das Tradições*)<sup>1</sup>. Em certos momentos históricos tais disputas parecem se agudizar quando da irrupção do uso político do negacionismo histórico e científico e da necessidade de revigorar, em contraposição, a legitimidade dos instrumentos científicos e artísticos com suas próprias tradições e reinvenções.

O mote inicial desta proposta se deu a partir da lista de temas sugeridos pelo edital, entre os quais estava “Desigualdades - inclusão social - trabalho” – o que me encorajou a relacionar o trabalho -- tema em que tenho alguma expertise, que ali está associado a esta tríade --, a outras dimensões, a outras ênfases, como o processo histórico de formação e

---

<sup>1</sup> Eric Hobsbawm e Terence Ranger (orgs) *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2008 (6ª ed.; 1ª ed. 1997; ed. original inglesa de 1983). O livro foi resultado de uma conferência sobre o assunto organizada pela revista sobre história *Past & Present*, onde a discussão sobre os usos do passado eram tema constante.

transformação de seus agentes, como a importância da memória dos agentes do trabalho, dos conflitos entre administração e trabalhadores/as, como as consequências repressivas provocadas por tais conflitos, como a continuidade ou descontinuidade de tratamento jurídico dos conflitos, entre o trabalhista e o penal, entre o direito de posse e propriedade da terra e os direitos humanos (sem falar no ambiental). Este redirecionamento de ênfases, no entanto, continua atento às temáticas das desigualdades e das possibilidades ou não de inclusão social. Nas seções seguintes procurarei inter-relacionar os temas propostos sem deixar de tratar também do conteúdo de cada um.

Afrânio Raul Garcia Jr, o patrono proposto para a cátedra, é um pesquisador de referência para o entendimento das razões profundas desse encadeamento entre trabalho (sobretudo rural), migrações, sindicalismo, direitos (trabalhistas, da terra, humanos). Seus trabalhos são centrais para o estudo do campesinato e das transformações da estrutura agrária brasileira, mas também para a compreensão da trajetória de membros das famílias dominantes agrárias e suas reconversões para o campo político ou intelectual. Era também um estudioso da circulação internacional das ideias e dos intelectuais. Além disso foi um colega que tendo sua trajetória ligada à Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ (desde 1970 como mestrando, desde 1978 como docente), fez uma segunda carreira na França, entre 1996 e 2024, como pesquisador/docente da École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) – e foi assim um elo decisivo na relação entre as comunidades de cientistas sociais dos dois países, contribuindo fortemente para o processo de internacionalização das ciências sociais brasileiras. Ocupando por muitos anos o cargo de diretor do Centre de Recherches du Brésil Contemporain (CRBC/EHESS/MSH) -- que partilhava com o fundador do Centre, Ignacy Sachs --, e depois como animador do Groupe de Recherches du Brésil Contemporain, foi um embaixador informal das ciências sociais brasileiras na França (e também no sentido inverso desta circulação, posição reconhecida por ambas as comunidades acadêmicas). Também era pesquisador veterano do Centre européen de sociologie et de science politique (CESSP/CNRS), centro que sucedeu aos anteriores dirigidos por Pierre Bourdieu (o Centre de sociologie européenne e o Centre de sociologie de l'éducation et de la culture) dos quais ele também participara. Apesar de sua destacada atuação internacional, cultivava seu enraizamento brasileiro, construído desde a adolescência no Colégio de Aplicação da UFRJ<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Para um panorama completo da trajetória de Afrânio Garcia Jr, ver: Afrânio Raul Garcia Jr, Mihai Dinu Gheorghiu (entrevista) “As fronteiras internacionais das ciências sociais: itinerários de um intelectual coletivo”, Repocs (Revista Pós Ciências Sociais), v.17, n.33, jan./jun. 2020, p. 221-266; originalmente publicada na revista romena Psihologia Sociala, n.º 42, 2018. Para sua relação com a rede internacional bourdieusiana, ver: Maria Eduarda Rocha. *Bourdieu à Brasileira*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022. Ver também seus depoimentos audiovisuais em <https://memov.org/site/colecao-trajetorias-serie-afranio-garcia-junior/>

## (1) Trabalho e Memória

A temática da memória apareceu com ênfase para mim quando fui defrontado com a etnografia de trabalhadores e trabalhadoras têxteis na cidade industrial de Paulista, na área metropolitana de Recife em meados dos anos 70. Naquele momento, recém-atingidos pelo fim da lei trabalhista dita da estabilidade, e por demissões massivas a partir de 1966, a narrativa destes trabalhadores/as estava voltada para a memória do passado de grandeza da fábrica e das lutas reivindicativas dos operários e operárias, sempre ancorada na legislação trabalhista – memória esta utilizada como instrumento comparativo daquele presente. Em contraste com a minha pesquisa anterior entre os operários da parte industrial das usinas de açúcar de Pernambuco, que ressaltava a vida cotidiana do trabalho no presente, a investigação na cidade têxtil era encaminhada com prioridade para a memória dos trabalhadores sobre a vida produtiva e a trajetória de suas famílias desde uma origem rural modal até as peripécias da sua reprodução social familiar no presente. Também por ser uma cidade/sede de uma companhia industrial com presença nacional, suas realizações e seus frequentes conflitos intra-patronais e com os trabalhadores deixaram não somente registros escritos na imprensa e nos arquivos, mas também fortes marcas na memória de sua população de famílias de trabalhadores<sup>3</sup>.

Também a opção por pesquisas de longa duração, da parte de muitos colegas da linha de pesquisa campesinato e classes trabalhadoras da Antropologia do Museu Nacional/UFRJ, propiciou uma necessária confrontação com a memória de vários grupos sociais da área da plantation açucareira, onde suas pesquisas se iniciaram, e de outros grupos situados entre o trabalho agrícola, a atividade nas feiras locais e o trabalho industrial ou artesanal/comercial urbano. A prática de pesquisas continuadas ou de investigações bi-sincrônicas (isto é, de revisitas ao mesmo campo com um intervalo de algumas dezenas de anos, para fins de comparação histórica) levaram a própria durabilidade da trajetória dos pesquisadores a se verem diante de relatos que se utilizam do passado, através da memória, para a explicação comparativa das transformações do presente<sup>4</sup>.

Naquele período, entre os anos 70 e 90 do século passado, as problemáticas de formação das classes trabalhadoras tinham forte importância na interseção de diferentes

---

<sup>3</sup> Ver por exemplo Alvim e Leite Lopes, “Famílias operárias, famílias de operárias” *Revista Brasileira de Ciências Sociais* nº 14, p. 7-17, out. 1990; Leite Lopes, J.S., *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés*. São Paulo/Brasília: Marco Zero/Editora da UnB, 1988 e Alvim, Rosilene, *A Sedução da Cidade. Os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia. 1997.

<sup>4</sup> Para uma reflexão retrospectiva sobre esta experiência de pesquisa de longa duração e suas peculiaridades, ver: Lygia Sigaud, “A collective ethnographer: fieldwork experience in the Brazilian Northeast”. *Information sur les Sciences Sociales*, 47:71-97.

disciplinas, a Antropologia Social, a Sociologia e a História Social, e na introdução da cultura e da especificidade histórica desses processos de formação.

Desde então, um período de aprofundamento do chamado neoliberalismo (um modo específico de organização da sociedade capitalista) provocou fortes transformações econômicas e sociais fazendo dispersar as configurações sociais que envolviam os trabalhadores nas fábricas e em outros locais de trabalho. E assim, a reunião de novos estudos sob o recorte do trabalho e seus efeitos sobre a constituição da sociabilidade têm trazido contribuições interessantes para o mapeamento de mudanças e permanências. Tais transformações nos levaram a procurar desconstruir e des-substancializar categorias tão carregadas de significados como as de "classe trabalhadora", através da análise da sua construção social, histórica e intelectual, dando-se importância também à análise dos mediadores associados àquelas classes. Por outro lado, o próprio obscurecimento das faces públicas dos trabalhadores, através de renomeações e reclassificações nas empresas que procuram atingir suas anteriores identidades, foi um estímulo adicional para essa reunião de estudos então em andamento. De certa forma o trabalho pôde ser visto, assim, de forma mais ampla, desde as fronteiras da informalidade urbana até novas formas de profissionalização de atividades anteriormente vistas como de "lazer". Ou ainda, os trabalhadores se mantêm quantitativamente subestimados e invisibilizados pelo silenciamento de suas anteriores instituições de representação, como os sindicatos, enfraquecidos por sucessivas "reformas" trabalhistas; processo agravado por cadeias de sub-contratações que dificultam o engrandecimento dos conflitos, mantendo-os abafados.

Em contraposição a tal processo de invisibilização, os estudiosos interdisciplinares do trabalho das novas gerações (dos anos iniciais do século XXI) passaram a se interessar por toda a diversidade de aspectos de processos sociais envolvendo o trabalho, das transformações do trabalho familiar camponês, artesanal, do mineiro ou do pequeno comércio, até o trabalho industrial. As relações entre família e trabalho podem se constituir em outro eixo de reunião de resultados de pesquisa; assim como a relação com o "lazer", que vai desde o trabalho subsidiário ou a bricolagem e o trabalho doméstico até atividades religiosas, esportivas ou de cultura popular. Assim como da relação do trabalho com a relativamente nova (nos anos 90) temática do meio ambiente, do risco industrial e da saúde do trabalhador.

Também as diferentes formas de mercado, que vinham sendo mais salientadas na retomada, no início dos anos 2000, da Antropologia e da Sociologia Econômica, podem ser vistas de maneira relacionada às formas assumidas pelo trabalho no sentido mais amplo, por exemplo nos setores de uma "produção" tomada pela "distribuição", no aumento dos circuitos de logística dos produtos.

E ainda, com a introdução massiva das ferramentas digitais na organização da produção e em todas as esferas econômicas, abria-se o campo para o estudo de novas formas de dominação mediadas por instrumentos que radicalizavam a materialização da invisibilidade patronal e ao mesmo tempo a naturalização da dominação social. Aí estão

as novas modalidades de trabalho digital remoto que trazem embutidas uma nova invasão da esfera doméstica pelo poder do capital. Tal invasão da esfera doméstica, -- que os trabalhadores de vilas operárias de fábrica, descendentes de famílias do tempo da escravidão, caracterizavam, quando chamados a qualquer hora da noite, de casa para o trabalho, como uma forma de *cativeiro* -- tende a se agudizar no presente através da expansão do trabalho digital remoto.

Entre antropólogos e sociólogos, tais preocupações ensejam a diversidade temática em torno de aspectos do trabalho embutidas em outras formas de classificação temática das disciplinas, nos polos de preocupação de antropologia urbana, de sociedades camponesas, de movimentos sociais, de memória social, de família e gerações, de cultura popular, de conflitos ambientais. Além das novas formas de trabalho criadas no novo mundo digital em expansão, como, por exemplo, o trabalho regido por plataformas digitais.

Também é de se ressaltar a importância da inter-relação cada vez mais evidenciada do sistema educativo com o mundo do trabalho. Desde os trabalhos de Bourdieu sobre a relação entre o diploma e o cargo, revelando a estreita dependência da estrutura ocupacional quanto às mudanças no sistema escolar, incluindo o ensino técnico no que diz respeito mais de perto às classes trabalhadoras, que muitos pesquisadores atentaram para os efeitos de ascensão, mas, mais frequentemente, de desclassificação ou de declínio profissional como contexto para conflitos sociais no trabalho. O livro de Michel Pialoux e Stéphane Béaud sobre a indústria automobilística francesa dedicou uma atenção particular a estes aspectos nas transformações sofridas pelos operários entre os anos 70 e 90 do século passado. No caso dos trabalhadores metalúrgicos no Brasil tanto John French enfatiza a importância do ensino profissional nos anos 50 a 70, que formou a geração sindicalista de Lula, de operários qualificados; quanto Kimi Tomizaki para as gerações seguintes de metalúrgicos<sup>5</sup>.

Por outro lado, a representação coletiva proporcionada pelo mundo do trabalho, com sua base jurídica ancorada no indivíduo trabalhador genérico e universal, uma construção que percorre todo o século XX, vem dando lugar (ou se somando) a formas de representação baseadas em identidades étnicas e de gênero, que requalificam a associatividade de amplos grupos de camponeses e trabalhadores (onde têm sua importância movimentos como os feministas, da população LGBT+, dos movimentos

---

<sup>5</sup> Ver os capítulos 6 e 7 de Pierre Bourdieu *Escritos de Educação*, organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 1998. Stéphane Beaud e Michel Pialoux, *Retorno à Condição Operária*. São Paulo: Boitempo, 2009 [1999], 2ª parte: “A salvação pela escola”. Ver também John French, *Lula e a política da astúcia*. São Paulo: Expressão Popular, 2022, caps. 4 e 5; e Leite Lopes, “O desvendamento da trajetória individual e a construção das classes trabalhadoras em *Lula e a política da astúcia*, de John French” *Mundos do Trabalho*, Florianópolis | v. 15 | p. 1-17 | 2023 e-ISSN: 1984-9222 | DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2023.e97367>, e sobre as novas gerações de metalúrgicos, ver Kimi Tomizaki. *Ser metalúrgico no ABC*. Campinas: CMU/Arte e Escrita Editora, 2007. Para a importância das repercussões políticas peculiares originárias das transformações do sistema universitário norte-americano e europeu nos últimos anos ver Thomas Piketty, *Capital et Ideologie*, cap. 15.

negros, dos povos indígenas e das novas populações tradicionais – quilombolas, mulheres quebradeiras de coco babaçu, ribeirinhos, etc).<sup>6</sup>

O domínio interdisciplinar de estudos sobre o trabalho é vasto e vem se constituindo em consequência da revitalização das associações científicas desde o final dos anos 70. Em 1989 foi criada a Associação Brasileira de Estudos do Trabalho (ABET), interdisciplinar, que é resultado da acumulação de estudos e da formação de especialistas em várias áreas do conhecimento sobre o trabalho. A Revista ABET foi lançada em 2001 com periodicidade semestral, e tornou-se digital a partir de 2012. (ver: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet>)

Em 2013 foi lançada a *Revista Ciências do Trabalho* do DIEESE, resultado da criação, em 2012, da Escola DIEESE. Esta Escola, idealizada desde os inícios do Departamento Intersindical de Estudos Estatísticos e Sócio-Econômicos, em meados dos anos 50, quando seu diretor técnico era o sociólogo José Albertino Rodrigues, organizou-se para oferecer o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências do Trabalho, na modalidade presencial. Em 2015, a instituição foi autorizada pelo Ministério da Educação a disponibilizar também a pós-graduação Lato Sensu em Economia e Trabalho, presencialmente, e, em 2021, na modalidade EaD.

Já no início dos anos 2000, o interesse renovado por uma antropologia do trabalho, atravessado por retomadas da antropologia e da sociologia econômica, de uma sociologia etnográfica do trabalho e pela expansão dos historiadores dos mundos do trabalho, se refletia nos GTs das associações científicas das ciências sociais e da história<sup>7</sup>. No caso da Antropologia, uma rede de Antropologia do trabalho teve forte presença nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) na primeira metade da década de 2010. Tal fortalecimento, com suas repercussões internacionais, já ensejava o desenvolvimento, desde 2009, de uma vigorosamente nascente Antropologia do trabalho na Argentina. Tais intercâmbios entre especialistas de diferentes países foi desembocar na rede latino-americana de antropologia do trabalho (RELAT), que fundou a revista de mesma sigla, a Revista Latino-americano de Antropologia del Trabajo, desde 2017 e em seguida, organizou o *Tratado Latino-americano de Antropologia del Trabajo*<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> Para uma síntese dessas tendências para um público leitor internacional, onde as referências a esta já vasta literatura são feitas, ver Leite Lopes, “Memory, social conflict, and the transformation of social reproduction in the working classes: from generic identity to new identities”, In: Miguel Rivas Venegas and Martina L. Weisz, Marginality and ‘Resistencia’, 2025, p. 227-258.

<sup>7</sup> Nessa disciplina, ver o influente GT Mundos do Trabalho da ANPUH, assim como a Revista Mundos do Trabalho, fundada desde 2009, <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/index>). Para um trabalho importante de divulgação científica e de história pública neste domínio, ver o site <[lehmt.org](http://lehmt.org)> do Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho (LEHMT/IH/UFRJ).

<sup>8</sup> Para a Revista, ver <https://dialnet.unirioja.es/servlet/revista?codigo=26941>); para o Tratado, ver *Tratado Latino-americano de Antropologia del Trabajo* (dir. Hernan Palermo & Lorena Capogrossi, BAires/Córdoba: CLACSO, CEIL/CONICET, CIECS, 2020).

Pesquisas de longa duração, tais como as que tiveram origem nos estudos sobre a *plantation* canavieira do Nordeste desde os anos 70, servem de base para novos focos temáticos que aparecem ao longo do tempo, como a questão da sociedade que está na base da economia do agronegócio, que a partir dos anos 80 ganham visibilidade crescente, sobretudo desde o início dos anos 2000, onda que teve origem na região Sul e se espalhou por áreas cada vez maiores do Sudeste e do Centro-Oeste. O recente livro *Uma etnografia retrospectiva*, que reúne estudos inéditos ou pouco divulgados de Moacir Palmeira<sup>9</sup>, acompanha essas pesquisas de longa duração da *plantation* ao agronegócio, sempre abrindo caminho através da perspectiva que toma como eixo de análise as posições e oposições sociais contidas em tais mundos agrários.

Novas abordagens vêm revigorar a temática de longo prazo sobre a formação social da *plantation*, como é o caso dos estudos, em escala global, sobre a chamada era do *plantationsceno*, uma intervenção no debate socioambiental-geológico do *anthroposceno*. Ao invés de chamar atenção somente para uma genérica intervenção de efeitos nocivos do homem abstrato e genérico na natureza, a temática do *plantationsceno* vem afirmar que tais efeitos se concentram, numa elevada causalidade probabilística, na proveniência de uma formação social capitalista específica, da aplicação extremada da industrialização da agricultura em cadeias produtivas que envolvem a financeirização e a lucratividade ilimitada. A expansão da monocultura industrializada concentrada em grandes propriedades, apoiada em pesquisa científica aplicada, além de promover a já elevada concentração social da renda e da riqueza, como que alça a destruição da natureza a padrões industriais inusitados<sup>10</sup>.

Além do surgimento de novos desdobramentos atuais para temáticas que estão sendo estudadas desde os anos 60, como é o caso da sociedade que orbita em torno da formação social da *plantation*, o uso sistemático da comparação presente/passado através dos estudos que operam por cortes bi-sincrônicos<sup>11</sup>, vêm tendo sua importância numa renovação temática que se processa como que em forma de espiral.

---

<sup>9</sup> Ver: Moacir Palmeira, Elisa Guaraná, João Lagüéns (orgs.). *Uma etnografia retrospectiva, escritos de Moacir Palmeira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2024. Ver também Beatriz Heredia, Moacir Palmeira e Sergio Pereira Leite, “Sociedade e economia do ‘agronegócio’ no Brasil”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, RBCS Vol. 25 n° 74 outubro/2010, p. 159-176. A base econômica do fenômeno do boom do agronegócio foi antevisto desde 1969 por Antonio Barros de Castro em *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira*, vol. 1, particularmente os capítulos 2 e 3, respectivamente “Agricultura e Desenvolvimento no Brasil” e “Agricultura, emprego e desequilíbrios regionais – perspectivas”. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, 4ª ed.; 1ª ed. em 1969. Ver: [https://agora.ie.ufrj.br/plataforma\\_abc\\_livros\\_completos](https://agora.ie.ufrj.br/plataforma_abc_livros_completos) consultado em 10/02/2025.

<sup>10</sup> Ver: “The Plantationocene as analytical concept: a forum for dialogue and reflection Sophie Chao, Wendy Wolford, Andrew Ofstehage, Shalmali Gutte, Euclides Gonçalves and Fernanda Ayala”. Forum on the Plantationocene, *The Journal of Peasant Studies* <https://doi.org/10.1080/03066150.2023.2228212>

<sup>11</sup> Ver: Firth, Raymond. 1964. “Social organization and social change [1954]”, “Some principles of social organization [1955]”. In: *Essays in social organization and values*. London: Athlone. pp. 30-87.

Um exemplo desse tipo de estudo pode ser visto nas pesquisas de Lygia Sigaud sobre os trabalhadores/as canavieiros/as e o direito social, em Pernambuco. No caso dela as idas a campo foram inúmeras, mas se formou uma ocasião mais marcante de estudo bi-sincrônico quando houve uma mudança estrutural nas relações de trabalho durante meados dos anos 90, quando da falência de muitas usinas e engenhos e as consequentes tentativas de resgate das dívidas que sofriam os trabalhadores demitidos através da ocupação de terras. A exposição temporária que ela organizou no Museu Nacional em 2002, “Lonas e Bandeiras em Terras Pernambucanas”, e em seguida na École Normale Supérieure de Paris, “Nous sommes devenus des personnes”, foi marcante como análise de uma transformação social abrupta como caso particular do possível, compreendido em seu acontecimento inusitado em meio a uma observação constante. Ela ali demonstrou como um movimento social de ocupação de terras de proprietários falidos acabou se integrando informalmente a uma política pública de assentamentos de agricultura familiar que dali em diante iria disputar espaço no panorama tradicional das grandes propriedades (produtivas e sobretudo as improdutivas)<sup>12</sup>.

Ainda outro caso de pesquisa bi-sincrônica foi o representado pela comparação de resultados quando de nosso trabalho de campo no universo dos trabalhadores/as têxteis de Pernambuco nos anos entre 1976 e 1983 (por Rosilene Alvim e eu mesmo), e o trabalho realizado entre 2004 e 2008, quando tivemos ocasião de estar como professores/pesquisadores visitantes na UFPE. Entre os dois períodos ocorreu ao mesmo tempo por um lado, um período de ganhos indenizatórios das famílias de trabalhadores na justiça do trabalho que incidiram na apropriação parcial das casas das vilas operárias de fábrica, contribuindo para um sentido comunitário de maior autonomia relativa diante do padrão de dominação social anterior. Por outro lado, ocorreu um processo de desindustrialização que contribuiu para que as novas gerações de trabalhadores tivessem que procurar emprego fora da do distrito industrial local para concorrer a postos de trabalho em toda a área metropolitana do Recife ou em direção à migração inter-regional. Nesta nova configuração surgiu também uma forte demanda de memória da parte de trabalhadores/as veteranos, representados por sindicalistas, demanda que incidiu sobre nossa volta ao campo como pesquisadores, daí resultando a feitura do documentário de longa metragem *Tecido Memória*<sup>13</sup>.

Um outro exemplo de pesquisa bi-sincrônica foi o realizado por Afrânio Garcia Jr e Marie France Garcia-Parpet na área rural do Brejo na Paraíba, na comparação entre o

---

Como já mencionamos mais acima, o termo de corte bi-sincrônico se refere a revisitas ao mesmo campo etnográfico com um intervalo de algumas dezenas de anos, para fins de comparação histórica.

<sup>12</sup> Ver: <https://memov.org/site/livros-e-textos/lonas-e-bandeiras-em-terras-pernambucanas/>

<sup>13</sup> Ver: *Tecido Memória* (Leite Lopes, Alvim e Brandão, 1988, 70 min, prêmio Pierre Verger de vídeos etnográficos da ABA em 2010 (27ª Reunião bianual da ABA). [ver 1º vídeo da playlist de memov.org: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv\\_6194cjxor6lpnoSb9JmKt8bk5Cklr](https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv_6194cjxor6lpnoSb9JmKt8bk5Cklr)]



trabalho de campo ali realizado em 1976/1977 e o efetuado na mesma área a partir de 2015/2016, em parceria com a professora/pesquisadora Patrícia Ramiro (Sociologia da UFPB), que atualmente coordena o projeto “Reconfigurações do espaço social do brejo paraibano no século XXI, e que produziu o vídeo “De cativo a liberto; da usina ao assentamento”, a ser em breve lançado pelo site <memov.org><sup>14</sup>

## **(2) Memória e Movimentos Sociais**

A experiência acumulada mais remota da linha de pesquisa em que tradicionalmente me inseri, junto com outros colegas do PPGAS/MN/UFRJ, denominada “antropologia do campesinato e das classes trabalhadoras”, nos habilitou a lidar com diferentes grupos sociais entre o rural e o urbano-industrial, fornecendo procedimentos comparativos e materiais como base para lidar, posteriormente, com um número maior de movimentos sociais. Os estudos com diferentes grupos sociais inseridos num processo maior de transformação social da plantation açucareira formaram a base inicial da referida linha de pesquisa, acrescida em seguida de estudos sobre a memória de trabalhadores têxteis num contexto de desindustrialização. Os materiais acumulados com essas pesquisas desde o início dos anos 70 nos fizeram ter preocupações de preservação dos dados para o possível interesse da parte de gerações futuras.

Assim, após mais de 40 anos de atuação na linha de pesquisa sobre campesinato e classes trabalhadoras na Antropologia Social do Museu Nacional, resolvemos, juntamente com outros núcleos afins preocupados em sistematizar e preservar acervos de pesquisa nestas temáticas, investir no que denominamos à época um programa de memória dos movimentos sociais, em torno de um acervo digital vinculado ao site <memov.org><sup>15</sup>.

As atividades pensadas para serem desenvolvidas no quadro institucional a ser possivelmente proporcionado por esta cátedra – como por exemplo o estímulo ao intercâmbio com redes de pesquisadores pertinentes às temáticas escolhidas através de ciclos de palestras, elaboração de disciplinas de pós-graduação de caráter transdisciplinar e abertos a outros segmentos da comunidade universitária, atividades de divulgação científica – teriam assim, o apoio de um site/acervo em construção. Ao acervo já existente,

---

<sup>14</sup> A estadia da professora Patrícia Ramiro no Museu Nacional no momento mesmo de possível implantação deste projeto, fará com que ela possa ser uma colaboradora afinada com as mais recentes pesquisas do patrono escolhido para a cátedra, Afrânio Garcia Jr.

<sup>15</sup> Além de núcleos de pesquisa do PPGAS/MN/UFRJ como o NuAP (Núcleo de Antropologia da Política) e o NuAT (Antropologia do Trabalho, estudos biográficos e de trajetórias), outros núcleos colaboraram com a ideia inicial do Memov, tais como o AMORJ (Arquivo de Memória Operária do IFCS-UFRJ, coordenado por Elina Pessanha), o NMSPP (Núcleo de Pesquisa, Documentação e Referência sobre Movimentos Sociais e Políticas Públicas no Campo/CPDA/UFRRJ, coordenado por Leonilde Medeiros), o LABOEP/UFF, através de Lygia Segala, o CEDIM/UFRRJ, através de Alexandre Fortes, e o LEHMT/IH/UFRJ coordenado por Paulo Fontes. O Memov se vincula ao CBAE (Colégio Brasileiro de Altos Estudos/FCC/UFRJ) e ao PPGAS/MN/UFRJ desde seu surgimento no final de 2014.

se acrescentariam as atividades em desenvolvimento durante o período de duração da cátedra, como novas coleções de materiais a serem preservadas.

As finalidades mais gerais desta cátedra poderiam ser resumidas em: (a) atuar sobre os usos do passado e da memória; (b) preservar materiais de pesquisa sobre trabalhadores; (c) contribuir para a transmissão da memória entre gerações de pesquisadores e de ativistas de movimentos sociais de trabalhadores; (d) em suma, contribuir nas condições para que memórias subterrâneas possam emergir ou se consolidar através de seus registros.

As atividades antevistas para serem desenvolvidas durante a cátedra viriam assim continuar ou debater criticamente resultados alcançados anteriormente, reativando ou recriando redes de pesquisadores submetidas a novas questões do momento. E trazendo ao mesmo tempo pesquisadores, atuando nas temáticas amplas de interesse da cátedra, com resultados inteiramente novos e imprevistos.

Algumas palavras sobre nossa experiência de pesquisa na temática dos movimentos sociais, que progressivamente nos deu condições para construir o site/acervo que hoje nos acompanha.

O projeto “Movimentos Sociais e Esfera Pública”, sediado no CBAE entre 2012 e 2014, e apoiado pela Secretaria Geral da Presidência da República, contou com 20 pesquisadores, entre antropólogos, sociólogos e historiadores, estudando nove movimentos sociais, produzindo um livro e um dicionário histórico. No final deste projeto foi criado o Memov em novembro de 2014, e a primeira coleção documental tratada foi a deste projeto, a Coleção MSEP. Apesar da Secretaria Geral ter interesse na pesquisa no tempo presente, para dialogar com a política pública de gestão participativa incluindo os movimentos em conselhos específicos, pudemos observar os processos históricos que conformavam as tendências das ações no presente<sup>16</sup>. Os nove movimentos sociais estudados foram: sindicalismo de trabalhadores urbano-industriais, sindicalismo de trabalhadores rurais, povos e comunidades tradicionais, povos indígenas, movimentos urbanos por moradia, movimento negro, movimento de mulheres, movimento LGBT, movimentos de juventudes. Nosso procedimento de pesquisa consistiu em inicialmente observar as reuniões do conselho de política pública específica (1 ou mais conselhos) ao nível federal que interessavam a cada movimento, e tendo estabelecido aí contatos com os representantes, ir também às suas respectivas bases para observação e recolhimento de entrevistas e de documentos.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Alguns destes processos históricos estão tratados no Dicionário Histórico dos Movimentos Sociais Brasileiros -1945-2014, organizado por Alexandre Fortes, Larissa Corrêa e Paulo Fontes, Memov/CBAE/UFRJ. Ver em : <https://memov.org/site/livros-e-textos/dicionario-historico-dos-movimentos-sociais-brasileiros-1964-2014/>

<sup>17</sup> Ver o relatório final publicado em livro: <https://memov.org/site/livros-e-textos/movimentos-sociais-e-esfera-publica-o-mundo-da-participacao/>.

Já o projeto “Memórias Cruzadas, Histórias Específicas; estudo comparativo das práticas sindicais e de greve entre metalúrgicos e canavieiros” (edital da CAPES de 2015: Memórias Brasileiras: Conflitos Sociais, que teve vigência entre 2017 e 2019, sediado no PPGAS/MN e no CBAE), nos proporcionou participar do tratamento da memória dessas duas categorias profissionais, uma na indústria moderna urbana (no caso, situada na Grande São Paulo) outra em estabelecimentos agroindustriais rurais (em Pernambuco e na Paraíba), raramente estudadas em conjunto. Foram colocadas lado a lado os pontos comuns e diferenciados das duas práticas sindicais correspondentes, que participaram do ciclo de greves de 1979 em diante. Essas categorias foram se encontrar de forma presencial nos encontros intersindicais nos anos 80, nos da CONCLAT e anos depois nos da CUT, provocando surpresas recíprocas (sobretudo da parte dos sindicalistas urbanos descobrindo a existência do forte sindicalismo de trabalhadores rurais que eles desconheciam). E que agora participam cada qual de demandas e iniciativas de memória<sup>18</sup>. Os materiais de pesquisa deste projeto estão organizados na Coleção Greves no acervo do Memov<sup>19</sup>.

Para a análise dos materiais de pesquisa em ambos os projetos nos valem os procedimentos de análise comparativa que têm por pressupostos as indicações e os debates contidos na literatura de ciências sociais, entre as quais as de Radcliff-Brown (1951), Levi-Strauss (1966), Max Weber (1969) e Raymond Firth (1964)<sup>20</sup>.

---

<sup>18</sup> Entre os metalúrgicos trabalhamos estreitamente com o Projeto de Memória do Movimento da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo, e sua ONG IIEP; assim como com os veteranos da AMA-A (Associação dos Metalúrgicos Aposentados, Anistiados e Anistiandos do ABC), sediados no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Do lado do campo e dos canavieiros, trabalhamos com a FETAPE e sua Academia Sindical, além de movimentos de mulheres trabalhadoras na Paraíba. Ver Leite Lopes & Heredia [orgs.], 2019, Apresentação e Introdução. Ambos os lados envolvidos com a justiça de transição nos anos 2000, como mostram o GT 13 dos trabalhadores urbanos na CNV e a Comissão Camponesa da Verdade, ambos os grupos tendo redigido capítulos correspondentes no Volume 2 da CNV. O livro que resultou deste projeto, *Movimentos Cruzados, Histórias Específicas; estudo comparativo das práticas sindicais e de greves entre metalúrgicos e canavieiros* (Leite Lopes & Heredia, Editora UFRJ, 2019, ganhador do prêmio da ANPOCS de melhor livro do ano de 2020) foi acompanhado do vídeo de média metragem com fins educativos “Direitos em Construção Permanente” (Leite Lopes e Pereira, 2019). Ver: <https://memov.org/site/livros-e-textos/movimentos-cruzados-historias-especificas-estudo-comparativo-das-praticas-sindicais-e-de-greves-entre-metalurgicos-e-canavieiros/> e <https://www.youtube.com/watch?v=52NvEea-1vQ&t=50s>

<sup>19</sup> Em: <https://memov.org/site/colecao-greves-canavieiros-e-metalurgicos/>

<sup>20</sup> As referências completas dos apoios bibliográficos seletivos em que nos apoiamos para uma análise comparativa mais sistemática foram: Firth, Raymond. 1964. “Social organization and social change [1954]”, “Some principles of social organization [1955]”. In: *Essays in social organization and values*. London: Athlone. pp. 30-87; Radcliffe-Brown, A.R. 1951. “The comparative method in social anthropology”, *The Journal of the royal anthropological institute*. Vol. 81.n. 1/2, pp. 15-22; Levi-Strauss, Claude. 1966 [1958]. *Anthropologie Structurale*. Paris: Plon (pp. 303-351); Weber, Max. *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1969 (capítulos de Sociologia da Dominação, p. 695-889).

Utilizamos o método comparativo no projeto “Movimentos sociais e esfera pública” (2012-2014) e em seguida no “Movimentos cruzados, histórias específicas (canavieiros e metalúrgicos; 2017-2019)”. O primeiro projeto, como já mencionamos, comparava nove movimentos sociais (sindicalismo urbano, sindicalismo de trabalhadores rurais, movimentos de moradia urbana, negros, mulheres, juventudes, LGBTs, povos indígenas e populações tradicionais) em suas relações com a política participativa incentivada na primeira década e meia dos anos 2000. O segundo projeto comparava metalúrgicos e canavieiros; mas no interior das duas categorias tratava-se de comparar também as práticas sindicais diferentes no interior dos metalúrgicos (contraste entre o sindicato de São Paulo, com sua oposição interna, e o do ABC) e entre canavieiros de Pernambuco e da Paraíba. Estes dois projetos podem servir de modelo para outros projetos comparativos nos próximos anos, graças à progressiva incorporação de acervos referentes a outros grupos e processos sociais como o acervo relativo aos trabalhadores/as têxteis ou o de museus comunitários de favela (Rocinha), de cujos detalhes mencionaremos mais à frente neste texto.

Ambos os projetos foram também pensados como fontes diversificadas de alimentação do acervo digital do Memov, com uma pluralidade de dados referentes a movimentos sociais distintos. Se o primeiro projeto focava nos anos considerados recentes naquele momento (anos de 2013 e 2014), que logo depois se tornaram os últimos anos da conjuntura de avanços nos processos de democratização, o segundo visava comparar práticas sindicais e de greves nos primeiros anos da referida conjuntura de avanços, na virada dos anos 70 para 80.

O tema dos fenômenos e processos grevistas está presente em textos clássicos das ciências sociais e da história. Duas obras que têm as greves como preocupação central para o estudo desta modalidade de conflito são as do antropólogo/sociólogo Lhoyd-Warner (1965 [1947]) e o da historiadora social Michelle Perrot (1971). Nos utilizamos, ainda, das anotações sugestivas de Pierre Bourdieu (2019 [1981]) sobre o assunto. Também as obras de Charles Tilly e Sidney Tarrow (ver Tarrow, 2009 [1998]) nos forneceram instrumentos importantes para a análise de processos de transformação social tais como revoluções, guerras, greves<sup>21</sup>.

O que havia de mais atual nesse segundo subprojeto era a tentativa de ocupação do espaço tradicionalmente vazio nas ciências sociais brasileiras quanto à análise comparativa sistemática dos movimentos de operários industriais e de trabalhadores

---

<sup>21</sup> Bourdieu, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. “A greve e a ação política”, p. 195-204. BOURDIEU, Pierre. (Nova edição, Petrópolis: Vozes, 2019. p. 236-247); Perrot, Michèle. *Les Ouvriers en Grève, France 1871-1890*. Paris/La Haye: Mouton; Tarrow, Sidney. *O Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009; Tilly, Charles. *Democracia*. Petrópolis: Vozes, 2013; Warner, J. Lloyd. *The social system of the modern factory: the strike: a social analysis*. Nova Haven/Londres: Yale University Press, 1965.

rurais. A especialização profissional dos estudiosos do trabalho industrial, por um lado, e dos estudiosos do campesinato e dos trabalhadores rurais, por outro, tem sido um obstáculo de difícil superação, que abarca antropólogos, sociólogos e historiadores.

Além do método comparativo, nos valem também do método reflexivo, de explicitação das condições materiais e simbólicas contidas nas próprias trajetórias de pesquisadores relevantes na produção das temáticas abordadas, dos sujeitos de produção dos conhecimentos oferecidos no projeto mais amplo de pesquisa (Bourdieu, 2001)<sup>22</sup>. Este é o caso, mais particularmente do subprojeto “Trajetórias: biografias audiovisuais de pesquisadores nos projetos coletivos iniciais do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ)”, sobre o qual falaremos adiante.

### **(3) Memória, Trabalho, Justiça de Transição e Direitos Humanos**

(3.1) Como nossas pesquisas iniciadas nos anos 70 encontraram a justiça de transição dos anos 2000

Gostaríamos de demonstrar aqui como a inter-relação entre os temas de Memória, Trabalho, Movimentos Sociais e Direitos Humanos acabou sendo uma decorrência da maneira como o processo de pesquisa inicial sobre a temática do trabalho foi se desenvolvendo, onde os “imponderáveis da vida real” (Malinowski, 1976, p. 33)<sup>23</sup> tiveram certamente a sua presença.

Vou ilustrar isto com os projetos “Memória Camponesa” e “Tecido Memória” que tiveram existência na primeira década do século XXI, quando os significados do contexto de uma justiça de transição começaram a aparecer para trabalhadores e camponeses.

O projeto Memória Camponesa foi coordenado por Moacir Palmeira a partir do PPGAS/MN desde 2004. Ele se iniciou provocado por uma demanda de memória por parte de sindicalistas veteranos do sistema CONTAG, insatisfeitos pela invisibilidade do campesinato nas “descomemorações” dos 40 anos do golpe que se refletiam na imprensa e no espaço público naquele ano de 2004. Moacir aceitou o desafio de coordená-lo, a partir de financiamentos obtidos junto ao NEAD/MDA e à SDH da Presidência da República, em virtude de sua proximidade com aquelas lideranças sindicais por ter sido assessor educacional da CONTAG entre 1978 e 1990.

Este projeto consistiu na realização de seminários onde eram realizados testemunhos sobre o período da ditadura militar que eram registrados sob a forma audiovisual. Tais

---

<sup>22</sup> Bourdieu, Pierre. *Science de la Science et Réflexivité*. Paris: Raisons d’Agir, 2001

<sup>23</sup> Malinowski, Bronislaw, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

registros se realizaram em nove estados da federação, em dependências universitárias, do movimento sindical ou de instituições interessadas em abrigar a atividade<sup>24</sup>.

Inspirado nesta experiência, que havia sido iniciada no Rio de Janeiro no segundo semestre de 2004, procuramos eu mesmo e Rosilene Alvim atender a uma demanda por memória por parte de sindicalistas das fábricas e bairros têxteis de Pernambuco, que haviam se manifestado quando de nossa volta ao trabalho de campo trinta anos depois do início de nossa convivência de pesquisa com aqueles grupos sociais em 1976. Assim, no primeiro de maio de 2005, foi desencadeada, no sindicato dos trabalhadores e trabalhadoras têxteis de Paulista/PE, a tomada coletiva de testemunhos que representou o início do projeto de filmagem de um longa-metragem intitulado, quando de seu lançamento, de “Tecido Memória”, tendo por diretores José Sergio Leite Lopes, Rosilene Alvim e Celso Brandão (2008).

Assim como ocorreu com o projeto Memória Camponesa, uma demanda por memória foi exercida por sindicalistas têxteis de Pernambuco durante a presença na UFPE por dois anos de Rosilene e José Sergio, que haviam feito pesquisa nos anos 70 e 80 naquele estado, sobre a história das famílias operárias do município de Paulista, originário da vila operária e das terras da companhia têxtil que ali se localizava desde o início do século XX.

Havia em comum nos dois projetos de memória através de meios audiovisuais a pesquisa realizada no âmbito dos projetos coletivos iniciais do PPGAS/MN, desde os anos 70 e 80, durante o regime militar, com trabalhadores rurais e de fábrica, em plena ditadura.

Após a anistia de 1979 os antigos ativistas de base puderam se sentir mais confiantes para contar episódios anteriores de repressão e perseguição do período da ditadura, que antes permaneciam em silêncio. Também as greves operárias no ABC paulista e em São Paulo desde 1978, que se espalharam no ano seguinte para outras categorias sindicais, favoreceram a eclosão da greve dos canavieiros em Pernambuco, em 1979, primeira greve geral de assalariados rurais no pós-64, que se tornou cíclica pelos anos seguintes. A comparação que fizemos, posteriormente, entre as greves dos metalúrgicos da Grande São Paulo e dos canavieiros de Pernambuco é esclarecedora daquilo que as precedeu, nos difíceis anos pós-golpe e pós-AI-5, entre categorias que tinham pontos em comum e diferenças específicas.

---

<sup>24</sup> Estes registros audiovisuais estão na Coleção MC [Memória Camponesa] no site <memov.org>. [https://memov.org/site/colecao-memoria-camponesa/colecao-mc-memoria-camponesa/?order=ASC&orderby=date&view\\_mode=masonry&perpage=12&paged=1&fetch\\_only=thumbnail%2Ccreation\\_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch\\_only\\_meta=&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc\\_tax\\_2196&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=4075&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&search=mp4](https://memov.org/site/colecao-memoria-camponesa/colecao-mc-memoria-camponesa/?order=ASC&orderby=date&view_mode=masonry&perpage=12&paged=1&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc_tax_2196&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=4075&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&search=mp4)

Por outro lado, deve-se levar em conta que se a anistia de 1979 pôde retirar as punições feitas durante o período pós-64, e assim ser criado um clima de maiores liberdades políticas; no entanto com as novas greves pós-1979, e novos movimentos associativos na área rural como o MST ou nas periferias urbanas, novas vítimas de violações de direitos humanos aparecem a partir dos anos 80. A clássica associação repressiva entre direções de empresas com forças policiais e militares continuou a ser usada e expandida. Por exemplo, as denúncias de violências cometidas por tais forças repressivas foram denunciadas no documento “Açúcar com gosto de sangue” da FETAPE (de 1984) e repercutida pela CONTAG, referente às violências em reação ao ciclo de greves dos canavieiros. A CPT (Comissão Pastoral da Terra) listava todo ano as violências crescentes cometidas contra lideranças camponesas e assessores jurídicos ou religiosos em todo o país, quando o padrão “Cabra marcado pra morrer” se multiplicava. Nesse sentido, o período final da ditadura, seja até 1985 ou até 1988, viu aumentar a violência patronal-policial-militar, desde os assassinatos no campo, desde a repressão militar à greve de 1988 na CSN em Volta Redonda, desde as demissões seletivas de trabalhadores grevistas que entram nas listas negras patronais e não conseguem mais emprego. Quanto a este novo ciclo repressivo, as discussões sobre dispositivos de anistia e reparação às violências se darão quanto a novos atingidos depois da lei da anistia de 1979<sup>25</sup>.

O recurso dos atingidos pela ditadura a reparações materiais e simbólicas através da Comissão de Anistia do Ministério da Justiça, desde 2002, fez renovar a própria noção de anistia, ampliando-a e fazendo-a chegar à consideração de sindicalistas e ativistas dentre os trabalhadores e os camponeses.

Como já dissemos, pode-se tomar a data de 31 de março/1º de abril de 2004, a efeméride do quadragésimo aniversário do golpe de 1964, como referência aproximada para observar-se a demanda de memória sobre a repressão da ditadura que surgia dentre grupos de sindicalistas tanto de operários e operárias industriais quanto de trabalhadores e trabalhadoras rurais. Com a rememoração pela mídia das graves violações de direitos humanos ocorridas durante a ditadura, sobretudo na questão dos mortos e desaparecidos, representantes dos trabalhadores passaram a refletir sobre danos mais amplamente sofridos coletivamente por seus grupos de referência.

Como os casos mais notórios da violência política difundidos pelos meios de comunicação eram exemplificados com militantes da luta armada majoritariamente provenientes do movimento estudantil, a reflexão entre os representantes de trabalhadores

---

<sup>25</sup> Ver, por exemplo, os textos 2 e 3 do Volume II do Relatório da Comissão Nacional da Verdade, 2014, respectivamente “Violações dos direitos humanos dos trabalhadores” (p.57-90) e “Violações dos direitos humanos dos camponeses” (p. 91-154). Ver também IIEP/Projeto Memória da OSM-SP. Investigação Operária; empresários, militares e pelegos contra os trabalhadores, 2014, 204 p.; Carneiro, Ana e Cioccarri, Marta. *Retrato da repressão política no campo*. Brasil 1962-1985. Brasília: MDA, 2011, 371 p.; Medeiros, Leonilde Servolo (org.) *Ditadura, Conflito e Repressão no Campo no Estado do Rio de Janeiro (1946-1988)*. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2018, 667 p.

ia na direção da necessidade de fazer conhecer a repressão mais anônima e coletiva sofrida pelos trabalhadores no campo, nas fábricas, nos bairros periféricos e favelas. E esse anseio se juntaria à demanda de memória de outros setores atingidos coletivamente pela ditadura, como aqueles com reivindicações étnicas, tais como os povos indígenas e o movimento negro, além dos movimentos com recorte de gênero.

Antes mesmo do momento da cobertura midiática em torno dos 40 anos do golpe de 64, já desde os primeiros dos anos 2000 corriam os rumores de benefícios de reparação, através da então recém-criada Comissão de Anistia (2002), aos ex-presos ou punidos pela ditadura nos meios sindicais e de ativistas que contribuíam para uma demanda ativa de memória. Acompanhamos as dificuldades e as hesitações que tinham alguns de nossos antigos pesquisados, -- eventualmente punidos sob a forma de prisões, demissões, e consequências subsequentes como a inclusão em “listas negras” de confecção e circulação patronal para dificultar a obtenção de novos empregos e assim aumentando a duração dos períodos de desemprego – para produzir as provas de tais punições numa espécie de curriculum vitae específico dirigido à obtenção do estatuto de anistiado político. Assim, muito poucos conseguiam este estatuto. Observamos também, ao frequentarmos o Arquivo Público de Pernambuco, a busca destes trabalhadores veteranos por documentos dos órgãos de segurança que os pudesse citar, e o auxílio prestado por funcionários do arquivo a tais candidatos à anistia política.

No caso dos nossos pesquisados, com a desindustrialização acelerada do setor têxtil essa demanda de memória era manifestada como necessidade indispensável, e o audiovisual seria a forma vista como mais adequada para a divulgação mais ampla e com linguagem mais acessível do que nossas teses ou livros dotados de um formato acadêmico, e guardados como relíquias para poucos. Essa demanda de memória se manifestava de uma maneira mais ampla, independentemente dos efeitos dos dispositivos de reparação da justiça de transição que estavam se formando.

Assim, entre 2005 e 2008 pudemos preparar, filmar e editar o documentário de 70 minutos *Tecido Memória*<sup>26</sup>.

Tal experiência, como já assinalamos, ocorreu paralelamente com nossa colaboração ao projeto “Memória Camponesa”, coordenada entre 2004 e 2010 por Moacir Palmeira, baseado na organização de seminários onde eram realizados testemunhos sobre o período da ditadura militar que eram registrados sob a forma audiovisual. A prioridade naquele projeto era o registro, ficando a tarefa da feitura de um documentário com roteiro e montagem -- um produto atrativo para uma apresentação pública --, para o futuro (sabendo-se da complexidade de tal empreendimento diante da amplitude dos materiais coletados em nove estados da federação). Conscientes desta dificuldade, resolvemos

---

<sup>26</sup> Ver a playlist de vídeos em memov.org, onde este filme se encontra:  
[https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv\\_6194cjxor6lpnoSb9JmKt8bk5Cklr](https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv_6194cjxor6lpnoSb9JmKt8bk5Cklr).



intensificar paralelamente entrevistas de histórias de vida filmadas em áreas que haviam sido previamente pesquisadas por nós no passado. Em 2007 Moacir Palmeira e eu mesmo fizemos entrevistas individuais filmadas em Pernambuco. Depois, outras filmagens foram realizadas na Paraíba e em Pernambuco entre 2017 e 2019 no âmbito do projeto “Memórias Cruzadas” (“projeto Greves”). Finalmente foram realizadas filmagens naqueles dois estados com a presença de cinegrafistas profissionais no final de 2020, voltadas especialmente para a edição do documentário “Memórias Camponesas”, que foi finalizado em 2021<sup>27</sup>.

### 3.2 As atividades do Núcleo de Memória, Movimentos Sociais e Direitos Humanos, assessor da CMV/UFRJ

A nossa experiência anterior de pesquisa com trabalhadores e camponeses iniciada em pleno período da ditadura militar nos fez confluír para as atividades que vinham se desenvolvendo por grupos interessados em resgatar e preservar a memória da atuação de resistência dos trabalhadores sofridas na situação de conluio entre empresas e proprietários com o sistema repressor do regime militar. A efeméride dos 50 anos do golpe militar de 1964 coincidiu com o ano mais intenso de preparação dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, o que fez repercutir na imprensa e na esfera pública mais geral o peso das consequências da ação repressiva sobre diferentes domínios da sociedade.

Nesse sentido, promovemos no CBAE, juntamente com Elina Pessanha e Ildeu Moreira a dupla jornada “50 anos do golpe - Projetos Interrompidos; as repercussões da ditadura sobre a universidade, os trabalhadores e os povos indígenas”, dos dias 19 e 20 de maio daquele ano<sup>28</sup>, ao que se seguiu no dia 13 de agosto a jornada: “Trabalho memorial e favelas em tempos de ditadura”, coordenada por Lygia Segala (UFF)<sup>29</sup>.

A partir de 2017 foi se formando um núcleo de pesquisa sobre direitos humanos no CBAE com membros que haviam tido uma experiência de proximidade para com as comissões da verdade que surgiram desde 2012 em diferentes suportes institucionais<sup>30</sup>.

---

<sup>27</sup> Ver a playlist do Memov onde o filme se encontra:

[https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv\\_6194cjqWi5ZCd\\_khW-d7L-pWdIA9](https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv_6194cjqWi5ZCd_khW-d7L-pWdIA9).

<sup>28</sup> Ver em: [https://memov.org/site/colecao-et/colecao-eventos-tematicos/?order=ASC&orderby=date&view\\_mode=masonry&perpage=12&paged=1&fetch\\_only=thumbnail%2Ccreation\\_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch\\_only\\_meta=&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc\\_tax\\_2184&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=2289&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&search=Projetos%20interrompidos](https://memov.org/site/colecao-et/colecao-eventos-tematicos/?order=ASC&orderby=date&view_mode=masonry&perpage=12&paged=1&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=&taxquery%5B0%5D%5Btaxonomy%5D=tnc_tax_2184&taxquery%5B0%5D%5Bterms%5D%5B0%5D=2289&taxquery%5B0%5D%5Bcompare%5D=IN&search=Projetos%20interrompidos)

<sup>29</sup> Os registros audiovisuais desta jornada estão na coleção Eventos Temáticos do acervo do Memov, como é o caso da 1ª sessão: <https://memov.org/site/colecao-eventos-tematicos/video-da-sessao-as-tres-ditaduras-001/>

<sup>30</sup> São integrantes deste Núcleo Luciana Lombardo, Virna Plastino, Lucas Pedretti e Felipe Magaldi. Luciana e Lucas são membros da CMV/UFRJ. Luciana é servidora da UFRJ, Virna e Lucas vieram de

Muitos dos movimentos sociais, que já haviam sido por nós estudados sob outros ângulos, haviam sido atingidos pela ditadura sem tanto destaque nas efemérides relativas ao golpe de 1964 (2004, 2014 por exemplo). Era objetivo do núcleo aproximar as pesquisas sobre memória dos movimentos sociais à problemática das consequências repressivas da ditadura. Além disso, trabalhar no acervo digital resultante do trabalho anterior de alguns de seus membros na Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, cujo acervo físico em papel fora doado ao Arquivo Público Estadual do Rio de Janeiro. E, ainda, recuperar os resultados e materiais de pesquisa dos projetos financiados pela FAPERJ no edital que foi lançado em apoio à CEV-Rio<sup>31</sup>.

Este Núcleo de estudos sobre memória e direitos humanos<sup>32</sup> procurou então sistematizar as repercussões do período da ditadura militar (1964-1985) sobre determinadas questões levantadas pela Comissão Nacional da Verdade. Para além das vítimas de graves violações de direitos humanos, contadas naquele relatório de forma individualizada, nossa preocupação se centrou sobre os danos coletivos que atingiram grandes categorias, como as profissionais, de trabalhadores/as urbanos e rurais; as categorias étnicas envolvendo povos indígenas e tradicionais e populações negras; bem como as de gênero (mulheres, LGBTs); sem deixar de tratar do que se passou na educação e na universidade. A série “Incontáveis”, de 6 vídeos de curta-metragem, concluída em 2021 e passada em universidades, entidades de direitos humanos e em escolas do ensino médio, passou a ser assim base de atividades de extensão e divulgação científica.

Além disso, com o crescimento nos últimos anos da área interdisciplinar de conhecimento dos direitos humanos e da temática da memória, verdade, justiça de transição, os acervos de materiais de pesquisa etnográficas, socioantropológicas ou de história oral realizadas no passado, no momento mesmo do período da ditadura militar (1964-1985), crescem de importância, pois restituem o registro das informações e dos sentimentos das pessoas e grupos pesquisados no momento mesmo das conjunturas autoritárias do período<sup>33</sup>. Por outro lado, este núcleo viu sua temática crescer de importância na medida dos retrocessos políticos iniciados em 2016 e recrudescidos desde o final de 2018<sup>34</sup>.

---

uma atuação na Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro, onde trabalharam com Nadine Borges, então assessora jurídica do reitor da UFRJ Roberto Leher. Felipe era bolsista pos doc do PPGAS/MN.

<sup>31</sup> O edital da FAPERJ lançou o programa “Apoio ao estudo de temas relacionados ao direito à memória, à verdade e à justiça relativas a violações de direitos humanos” em outubro de 2013 (ver: <https://siteantigo.faperj.br/?id=2545.2.5>).

<sup>32</sup> Que a partir do final de 2019 passou a assessorar a CMV/UFRJ, então sob minha coordenação.

<sup>33</sup> Com base no material pesquisado por mim no passado, quanto à história dos trabalhadores e trabalhadoras têxteis, e sua relação com a problemática mais recente da justiça de transição, foi feito o texto Leite Lopes, JS. “Memória, formas de dominação e de resistência, disputas sobre os significados das anistias”, *Revista Brasileira de História da Mídia*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 8-33, jul./dez. 2023, base inicial de uma reflexão a ser prosseguida.

<sup>34</sup> Em 2019 esse núcleo tornou-se assessoria da Comissão Memória e Verdade da UFRJ que eu passei a coordenar desde agosto do referido ano.

A forma pela qual se construiu a memória social sobre a ditadura no país acabou por dar centralidade às chamadas graves violações de direitos humanos cometidas pelo Estado contra os opositores armados do regime. Assim, consolidou-se uma certa memória hegemônica que resume o período ao conflito entre as forças de repressão e os grupos organizados para lutar contra o regime. No entanto, com a efeméride de 50 anos do golpe de Estado de 1964 e a instalação de uma Comissão Nacional da Verdade (CNV), a agenda de pesquisas sobre o período da ditadura (1964-1985) se diversificou, e essa imagem cristalizada do passado foi criticada, por suas limitações sociais.

A CNV tentou equacionar algumas dessas demandas publicando um segundo volume em seu relatório que não era assinado pelo conjunto dos membros. Ou seja, eram textos autorais de alguns dos comissionados. Era precisamente nesse volume que estavam os textos sobre a violência contra indígenas, camponeses, pessoas LGBT e a participação das empresas na ditadura. É sobre esses temas que concentramos nossos esforços, que se materializaram na feitura de documentários, tanto a série de seis episódios de curta-metragem intitulada “Incontáveis” (episódios relativos às consequências da ditadura sobre a educação, trabalhadores rurais e urbanos, mulheres, LGBTQIA+, populações negras e faveladas, povos indígenas)<sup>35</sup>, quanto o longa metragem “Memórias Camponesas”. Ainda como parte do projeto “Movimentos cruzados”, apresentamos o documentário de média metragem *Direitos em Construção Permanente*<sup>36</sup>. Tanto a série como os dois filmes proporcionaram uma inestimável oportunidade de apresentações para públicos universitários, de entidades de movimentos sociais e para públicos do ensino médio.

Também o método comparativo tem servido de instrumento para as atividades do Núcleo de Movimentos Sociais e Direitos Humanos. Em particular, para a comparação das consequências da ação repressiva da ditadura militar de 1964 sobre grandes grupos sociais menos ressaltados no relatório da Comissão Nacional da Verdade: trabalhadores rurais/urbanos, mulheres, negros, LGBT, povos indígenas. Nesta comparação estão também os estudantes (bem contemplados na lista de vítimas de militantes políticos) e aspectos menos divulgados das consequências repressivas e das interrupções de projetos inovadores nas universidades.

---

<sup>35</sup> Participaram da série Incontáveis como roteiristas José Sergio Leite Lopes, Felipe Magaldi, Lucas Pedretti, Luciana Lombardo, Virna Plastino e como editor Rubens Takamine.

Ver a playlist da série *Incontáveis* organizada pelo Memov no Youtube:

[https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv\\_6194cjxru\\_QOvW8o3mRfURT72eFCk](https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv_6194cjxru_QOvW8o3mRfURT72eFCk)

<sup>36</sup> Este filme, *Direitos em Construção Permanente*, dirigido por José Sergio Leite Lopes e José Carlos Matos Pereira, recebeu “menção honrosa” na premiação audiovisual da ANPOCS de 2021. Já o longa-metragem *Memória Camponesa*, dirigido por José Sergio Leite Lopes, Moacir Palmeira e José Carlos Matos Pereira e editado por Agustin Kammerath, também recebeu “menção honrosa” na premiação audiovisual da ANPOCS no ano seguinte, de 2022. Ambos os filmes podem ser assistidos através da playlist: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv\\_6194cjxqWi5ZCd\\_khW-d7L-pWdIA9](https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv_6194cjxqWi5ZCd_khW-d7L-pWdIA9)

Além do exercício da análise comparativa no interior dos objetos estudados uma outra prática constantemente exigida nas nossas pesquisas tem sido o exercício da interdisciplinaridade entre antropólogos, sociólogos, historiadores, arquivistas e profissionais de informática e do audiovisual. Tivemos a oportunidade de pôr em prática o chamamento de especialistas nestas áreas disciplinares para compor o primeiro curso transversal dado no 1º semestre de 2019 no CBAE<sup>37</sup>. Variações desta disciplina foram oferecidas nos anos seguintes, na modalidade online, já na situação de pandemia<sup>38</sup>.

O curso de 2019 propiciou iniciativas subsidiárias paralelas tais como a jornada do Seminário “Arte, Memória, Verdade e Justiça”, no dia 28 de março daquele ano, coordenado por Felipe Magaldi no Centro Cultural Hélio Oiticica. Já em 17 de maio de 2019 foi inaugurada a exposição temporária “Rastros da Verdade: arquivos e memórias da Comissão da Verdade do Rio de Janeiro”, exibida em um dos salões do CBAE.<sup>39</sup> A disciplina transversal de 2019 contou com financiamentos de editais de eventos, de tal forma que conseguimos trazer palestrantes de fora do Rio e do Brasil, e ainda subsidiar parte dos dois eventos paralelos mencionados. Ao final do curso foi aberta a possibilidade de os palestrantes enviarem o conteúdo apresentado sob forma de artigos, de modo a se

---

<sup>37</sup> As informações sobre a disciplina são estas:

Disciplina: Memória, movimentos sociais e direitos humanos

2019.1 Horário: Sextas-feiras, 14h às 17h

Local: CBAE/UFRJ - Av. Rui Barbosa, 762, Flamengo

Carga horária: 45h (3 créditos/ Pós-Graduação)

Código da disciplina: CBA803 (Integração Acadêmica 2019/1 - Memória, Mov.Soc.Dir.Humanos

Turma: 7188)

Professor coordenador: José Sergio Leite Lopes (PPGAS-MN/UFRJ)

Professores colaboradores: Felipe Magaldi (doutor PPGAS-MN/UFRJ), Lucas Pedretti (doutorando IESP/UERJ), Luciana Lombardo (doutora PPGAS-MN/UFRJ), Virna Plastino (doutora PPGAS-MN/UFRJ)

<sup>38</sup> As disciplinas e seus respectivos programas estão arquivados no site do PPGAS/MN/UFRJ:

(as duas primeiras ementas em negrito são ao mesmo tempo links que dão acesso aos programas de curso, a terceira só tem o acesso ao programa de curso no google drive do curso)

Em 2020.1: **MNA826 - Antropologia dos Modos de Regulação Social**

*Disputas pela memória, movimentos sociais e direitos humanos*

José Sergio Leite Lopes, Felipe Magaldi (Pós-Doc CAPES/PPGAS), Luciana Lombardo, Lucas Pedretti e Virna Plastino (Pós-Doc CBAE)

Em 2021.2: **MNA827 - Antropologia do Direito - Movimentos Sociais e Direitos Humanos nas**

*Fronteiras entre Memória e Esquecimento*. Jose Sergio Leite Lopes, Felipe Magaldi, Lucas Pedretti Lima, Luciana Lombardo, Virna Plastino, Paulo Fontes.

Em 2023.1: **MNA853 - Antropologia da Guerra**

*Violência, reconhecimento e reparação na atuação de movimentos sociais de direitos humanos*

Programa em : [https://drive.google.com/drive/folders/1Hqvf3ZxpHOTANceVZS\\_C3771ZbPnWJ1O](https://drive.google.com/drive/folders/1Hqvf3ZxpHOTANceVZS_C3771ZbPnWJ1O)

Jose Sergio Leite Lopes, Lucas Pedretti Lima (pesquisador Pós-doc CMV/UFRJ/FUJB); Luciana Lombardo Costa Pereira (ex-aluna doutorado, servidora da UFRJ, lotada na CMV/UFRJ)

<sup>39</sup> Após permanecer no CBAE até o final do ano de 2019, no período de pós-pandemia a exposição foi remontada em 2023 na Biblioteca Central da UFRJ, por solicitação do professor Pedro Campos, do Departamento de História. Em 2024, por ocasião dos 60 anos do golpe de 1964, a exposição foi novamente montada no Campus da UERJ de São Gonçalo, também a pedido de historiadores, onde ainda permanece neste momento.

constituir uma coletânea. O livro *Memória, Movimentos Sociais e Direitos Humanos* foi publicado no início de 2024 e lançado no salão do CBAE em 30 de abril daquele ano.<sup>40</sup>

Esta grande rede de pesquisadores que foram reunidos durante as ocasiões das disciplinas de cursos, durante as exposições e no processo de construção da coletânea poderá ser recontactada para atividades da possível cátedra.

#### **(4) Memória, preservação digital e a circularidade entre pesquisa, arquivamento e divulgação científica.**

Algumas palavras sobre quanto ao acervo digital, com documentos nato-digitais e digitalizados, que poderá ser útil tanto nas atividades cotidianas da cátedra, quanto como base para eventos que envolvam partes de seus conteúdos ou de seus modos de operação. Custodiado pelo Programa de Memória dos Movimentos Sociais (Memov), ele é composto por coleções resultantes de pesquisas, eventos e doações realizadas pelos pesquisadores, colaboradores do Memov e seus parceiros. As coleções, levando-se em conta suas especificidades, foram organizadas segundo normas arquivísticas<sup>41</sup>.

Entre 2015 e 2020 fomos tentando aprender o uso das técnicas e instrumentos disponíveis para uma arquivística digital. Compartilhamos as nossas primeiras pistas neste domínio com a antropóloga Lygia Segala, que havia recebido uma colaboração do Instituto Moreira Sales na organização de sua coleção sobre o trabalho comunitário na favela da Rocinha<sup>42</sup>, e nos havíamos beneficiado também da experiência da antropóloga Regina Abreu com seu site sobre museus do Rio de Janeiro no Programa de Memória Social da UniRio<sup>43</sup>.

Após tentativas institucionais inacabadas na arquivística digital na UFRJ, resolvemos partir para uma forma de articulação entre acervo e site através da plataforma Tainacan, desenvolvida na UFG e na UnB, e associada à plataforma Wordpress. Nos últimos dois

---

<sup>40</sup> Ver: <https://memov.org/site/livros-e-textos/memoria-movimentos-sociais-e-direitos-humanos>  
José Sergio Leite Lopes, Felipe Magaldi, Lucas Pedretti, Luciana Lombardo, Virna Plastino (orgs.)  
*Memória, Movimentos Sociais, Direitos Humanos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ FAPERJ, 2024, 509 p.

<sup>41</sup> A equipe do Memov tem sua atual composição básica formada pelo sociólogo, pesquisador de pós-doc, José Carlos Matos Pereira, que coordena os trabalhos no site (além do Projeto Trajetórias que é uma coleção específica do site/acervo), a arquivista Maristela Santiago e os bolsistas de IC Anna Luiza Fernandes e Phillip Mazza. Luciana Lombardo divide-se entre a CMV/UFRJ e o Memov (o que ainda faz, mesmo que acrescida das tarefas resultantes de sua atual colaboração com o Arquivo Nacional).

<sup>42</sup> Este material comporá uma coleção específica do Memov, coleção Trabalho comunitário na Rocinha (1977-1983) /Lygia Segala, que está em vias de tratamento arquivístico para ser inserida no site/acervo, que trará grande interesse para os estudiosos e ativistas dos movimentos e museus comunitários de favelas.

<sup>43</sup> Regina Abreu nos indicou o consultor de webdesign Gustavo Monteiro para o primeiro lançamento do site em 2015 e posteriormente para sua adequação à plataforma Tainacan entre 2021 e 2022, quando contou com o auxílio de nosso bolsista Phillip Mazza.

anos, em 2022 e 2023, conseguimos “domesticar” a passagem de um problema técnico havido durante a nossa experiência no MneMosine (Atom) da UFRJ (quando emergencialmente tivemos que recorrer a formas mais rudimentares de acesso dos usuários via o GoogleDrive institucional do Forum de Ciência e Cultura da UFRJ), para a plataforma Tainacan, forma atual do acervo/site.

Outras duas frentes de trabalho quanto a métodos e procedimentos deverão ser enfrentadas na atividade cotidiana da cátedra. Uma primeira frente se refere ao diálogo entre os conteúdos das pesquisas e a reflexão sobre os instrumentos oferecidos pela informática a serviço dos acervos históricos, que o Memov tem iniciado com alguns dos seus parceiros, por exemplo com o Programa Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA/UFAM) ou o Centro de Documentação do Instituto Multidisciplinar da UFRRJ (campus Nova Iguaçu, CEDIM/UFRRJ), bem como experiências internacionais de acervos universitários relacionados a setores dos movimentos sociais<sup>44</sup>. Uma segunda se refere ao diálogo com as técnicas audiovisuais a serviço da divulgação científica. Dentre as atividades a serem desenvolvidas no trabalho cotidiano da cátedra há destaque para a feitura de vídeos e podcasts com o material referente aos subprojetos sobre memória dos movimentos sociais (memória camponesa; canavieiros /metalúrgicos; memória e verdade).

Algumas palavras sobre o subprojeto “Trajetórias: biografias audiovisuais de pesquisadores nos projetos coletivos iniciais do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ)”, que é coordenado por mim mesmo e pelo pesquisador pós-doc sênior FAPERJ José Carlos Matos Pereira. O projeto figura como uma das abas que aparecem no acervo do Memov no seu site. Este subprojeto surgiu com a necessidade de uma dobra reflexiva a respeito da trajetória de pesquisadores fundamentais para as temáticas do projeto mais amplo. Ele foi impulsionado após as imensas perdas materiais, simbólicas e afetivas ocasionadas pelo incêndio que atingiu o Museu Nacional em 2018, e pretende registrar, em vídeo, a trajetória de antropólogos e antropólogas que estiveram vinculados aos projetos coletivos iniciais do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ), seus percursos teóricos e empíricos, escolhas, projetos e resultados ao longo de suas carreiras. Esta é uma das muitas iniciativas de recuperação de partes do acervo anterior do Museu Nacional, neste caso através da história oral audiovisual de um grupo circunscrito de pesquisadores.

## **(5) Redes de pesquisadores**

---

<sup>44</sup> Para reflexões sobre história oral e humanidades digitais ver Boyd, D. A. e Larson M., *Oral History and Digital Humanities: Voice, Access, and Engagement, Palgrave Studies in Oral History* (Palgrave Macmillan US, 2014); Cohen, Daniel J. e Rosenzweig Roy., *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web* (University of Pennsylvania Press, 2006); Hogan, Wesley C. *On the Freedom Side. How Five Decades of Youth Activists Have Remixed American History*. Chapel Hill: University of North Carolina Press. 2019

Esta cátedra teria muito a apresentar sob forma de ciclos de palestras, seminários e meios de divulgação científica e extensão, os resultados em andamento de diversificadas frentes de trabalho e de redes sobre amplas temáticas envolvendo o trabalho, a memória social, os movimentos sociais, incluindo aqueles mais especificamente por memória, verdade e direitos humanos.

Aqui vamos arrolar redes de pesquisadores em formação ou pré-existentes muito mais amplas do que pode alcançar a cátedra, mas onde seu coordenador é membro e pode ter recurso e acesso a parte dos outros membros:

(a) Redes em vias de tramitação no CNPq:

- “O plantationoceno e seus limites: Contraposições, controvérsias, precauções e insurgências em torno do agronegócio no Brasil”. Projeto do Núcleo de Antropologia da Política (NuAP) do PPGAS/MN/UFRJ para o edital CNPq Universal 2025. Coordenação: John Comerford (PPGAS/MN/UFRJ).<sup>45</sup>

- Instituto de Ciência e Tecnologia Trabalho, Inclusão e Equidade (INCT-Trabalho), edital 2024. Coordenação Roberto Veras de Oliveira (Sociologia/UFPB)<sup>46</sup>

(b) Redes de projetos anteriores:

- “Processos de Trabalhadores(as) rurais nas Juntas de Conciliação e Julgamento da zona da mata de Pernambuco (1960 – 1974) e Oficinas de História” Edital Universal 2021 do CNPq. Coordenador Antonio Montenegro (IH/UFPE)<sup>47</sup>. Importante rede que trabalha

---

<sup>45</sup> Fiz parte da equipe que confeccionou e preencheu o formulário do projeto; a rede é formada por gerações mais novas do Núcleo de Antropologia da Política (NuAP/PPGAS/MN/UFRJ) do qual fui um dos fundadores. Ver <http://nuap.etc.br/> e, mais especificamente, <http://nuap.etc.br/rede-nuap/>, e <http://nuap.etc.br/conselho-consultivo/>

<sup>46</sup> Esta rede para constituição de um INCT-Trabalho conta com 100 integrantes, entre os quais um Coordenador Geral, uma vice coordenadora, um comitê gestor com 5 pessoas, 53 pesquisadores, 34 pesquisadores/colaboradores estrangeiros e 6 pesquisadores colaboradores. Sou um dentre os 53 pesquisadores e tenho relações estabelecidas com alguns deles, a saber: Adalberto Cardoso (IESP/UERJ), José Ricardo Ramalho (IFCS/UFRJ), José Dari Krein (Economia/Unicamp), Maxime Quijoux (CNAM-Paris), Alexandre Fortes (UFRRJ), Jacob Carlos Lima (UFSCarlos), Nadya Araújo Guimarães (Sociologia/USP), Sayonara Grillo (Direito/UFRJ), Valéria Aldeci (UFPB), Christian Azais, Tiago Bernardon (História/UFPB), Sidney Jard de Oliveira (UFABC), Rui Braga (USP), Rodrigo Santos (IFCS/UFRJ), Ricardo Festi (UnB), Paulo Fontes (História/UFRJ), Patrícia Alves Ramiro (Sociologia/UFPB), Mauricio Rombaldi (Sociologia/UFPB), Mario Ladosky UFCG) Marcelo Carneiro (UFMA), Eduardo Donato (UFPB).

<sup>47</sup> Participei de publicação desta rede de pesquisadores em José Sergio Leite Lopes, “Considerações sobre conflitos em torno dos direitos do trabalho na ‘cidade das chaminés’” in: Antônio Montenegro e Karlene Sayanne Ferreira Araújo (orgs.) *Historiografia: Rastros e vestígios documentais de trabalhadoras e trabalhadores*. Recife: Editora UFPE, 2022, p. 20-44. Ver: <https://memov.org/site/wp-content/uploads/tainacan-items/53564/326060/HISTORIOGRAFIA.pdf>

com o acervo completo dos processos trabalhistas de 1ª instância em Pernambuco (processos das JCJs por municípios). Para uma indicação da cooperação com esta rede ver: <<https://memov.org/site/2023/11/24/memov-marca-presenca-no-xii-seminario-dolahm-ufpe-trt6/>>

- Edital CAPES Memórias Brasileiras – Conflitos Sociais, lançado em 2015, aprovado em 2016 e implementado entre 2017 e 2019, envolvendo uma rede de diferentes núcleos de pesquisa pertencentes a 6 universidades: UFRJ (MN e IFCS), UFPB, UFCG, UFABC, UNIFESP- campus Osasaco, USP/Educação. Projeto intitulado “Movimentos Cruzados, Histórias Específicas; estudo comparativo das práticas sindicais e de greves entre metalúrgicos e canavieiros” Deu origem à publicação de um livro com o mesmo título do projeto (Leite Lopes & Heredia, 2019. Rio: Editora UFRJ, prêmio ANPOCS 2020 de melhor livro). O sumário do livro dá uma ideia da extensão da rede de pesquisadores em torno daquele projeto. Ver: [://memov.org/site/livros-e-textos/movimentos-cruzados-historias-especificas-estudo-comparativo-das-praticas-sindicais-e-de-greves-entre-metalurgicos-e-canavieiros/](https://memov.org/site/livros-e-textos/movimentos-cruzados-historias-especificas-estudo-comparativo-das-praticas-sindicais-e-de-greves-entre-metalurgicos-e-canavieiros/). Para uma melhor avaliação da rede em operação, ver: <<https://memov.org/site/colecao-greves-canavieiros-e-metalurgicos/>>

- Rede latino-americana de Antropologia do Trabalho (mencionada mais acima), desde 2009. Ver: <https://memov.org/site/livros-e-textos/tratado-latinoamericano-de-antropologia-del-trabajo-pdf/>

Já as redes de pesquisadores enumeradas abaixo estão relacionadas aos outros focos da cátedra relativos a movimentos sociais e a direitos humanos:

- Rede de pesquisadores em torno do projeto “Movimentos Sociais e Esfera Pública”, formada entre 2012 e 2014 resultante de parceria entre o CBAE/UFRJ e a Secretaria Geral da Presidência da República, que pode ser vista em <https://memov.org/site/livros-e-textos/movimentos-sociais-e-esfera-publica-o-mundo-da-participacao/> e em <https://memov.org/site/livros-e-textos/dicionario-historico-dos-movimentos-sociais-brasileiros-1964-2014/>

- Rede de pesquisadores em torno do Núcleo de Movimentos Sociais e Direitos Humanos, Diretório do CNPq, iniciado no CBAE (2017-2019) e posteriormente núcleo assessor à Comissão Memória e Verdade da UFRJ. Produziu a série “Incontáveis” de 6 episódios de curta metragem sobre as repercussões da ditadura sobre educadores, trabalhadores urbanos e rurais, mulheres, populações faveladas, populações LGBTQIA+, povos indígenas. Ver em playlist do <[memov.org](https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv_6194cjxru_QOvW8o3mRfURT72eFCK)>: [https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv\\_6194cjxru\\_QOvW8o3mRfURT72eFCK](https://www.youtube.com/playlist?list=PLpv_6194cjxru_QOvW8o3mRfURT72eFCK)  
O Núcleo também produziu o livro *Memória, Movimentos Sociais, direitos humanos*, Leite Lopes, Lombardo, Magaldi, Pedretti, Plastino (orgs.), Rio: Editora UFRJ, 2024  
Ver: <https://memov.org/site/livros-e-textos/memoria-movimentos-sociais-e-direitos-humanos/>. Por sua vez, esta rede se comunica com aquela representada pelos 32 membros



da Comissão Memória e Verdade da UFRJ (CMV/UFRJ)<sup>48</sup> e da qual sou, neste momento coordenador.

Para um trabalho mais próximo à cátedra, no auxílio ao trabalho, simultaneamente cotidiano e de articulação entre as diferentes redes, contamos com José Carlos Matos Pereira, Luciana Lombardo, Patrícia Alves Ramiro, Lucas Pedretti, Felipe Magaldi, Carolina Castelletto, Murilo Leal (e com os quais partilhamos diversas disciplinas de pós-graduação já assinaladas mais acima). Contamos também com conselheiros informais com os quais temos relações de trabalho de longa duração como Dulce Pandolfi, Regina Novaes, José Ricardo Ramalho, Alfredo Wagner, Marie-France Garcia-Parpet, José Roberto Novaes, Elina Pessanha, Leonilde Medeiros, John Comerford, Adriana Vianna, dentre outros. A efetividade do trabalho colaborativo dependerá, como de costume, da disponibilidade de tempo e agenda dos colegas, e outros poderão surgir em cena no calor das atividades.

#### **(6) Atividades propostas:**

As atividades públicas previstas se constituem sobretudo em ciclos de palestras e mesas em torno do desdobramento e detalhamento das preferências temáticas da cátedra. No caso de uma extensão temporal maior da cátedra indicamos possibilidades da organização de disciplinas no formato de seminários em torno de uma bibliografia proposta. Também indicamos a possibilidade de algumas atividades de divulgação científica em outros níveis de ensino e em entidades da sociedade civil.

Por suposto, conforme anteriormente descrito mais acima, a cátedra exercerá uma atividade cotidiana de manutenção e desenvolvimento do acervo digital e de outras partes do site <memov.com>, de conteúdo arquivístico e informático.

##### **(6.1) 1º semestre de 2025**

##### **(6.1.1) Sessões em homenagem ao patrono Afrânio Garcia Jr:**

- (1) A volta ao campo nos anos 2010 – da usina de açúcar ao assentamento.  
Com Marie France Garcia-Parpet (online ou em vídeo) e Patrícia Ramiro (UFPB).
- (2) A sociologia e a antropologia rural no Brasil. Com Mario Grinzpan (UFF), Leonilde Medeiros (UFRRJ), Sergio Pereira Leite (UFRRJ) e John Comerford (MN/UFRJ)
- (3) Estratégias educativas das elites brasileiras. Com Kimi Tomizaki (USP), Ana Maria Almeida (Unicamp), Leticia Canedo (Unicamp), Heloísa Bertol (MAST)

---

<sup>48</sup> Constituída pela portaria do reitor SEI\_4898993\_Portaria\_de\_Pessoal\_11623.pdf, de 26/11/2024, (localizável à p. 6 de <<https://siarq.ufrj.br/wp-content/uploads/2025/01/Compilado-semanal-48-2024.pdf>>)

- (4) Um embaixador entre as ciências sociais brasileiras e francesas. Sergio Miceli (USP), Benoît de l'Estoile (ENS-Paris), Vassily Rivron (Univ. de Caen), Monique de St. Martin (EHESS-Paris), Maria Eduarda Rocha (UFPE), Gustavo Sorá (Univ de Córdoba).
- (5) Um estudo piloto: história social do Colégio de Aplicação da UFRJ – MemoCap Com Ana Célia Castro (CBAE), Alfredo Veiga (consultor estatístico/MemoCap), Monica Pietroluongo (MemoCap), Alessandra Carvalho (Cap) .

(6.1.2) Ciclo de atividades “Ainda estou aqui”:

(6.1.2.1) -- UFRJ, universidades e ditadura

- (1) Repercussões da ditadura no ensino de História - Marieta de Moraes Ferreira (IH), Alessandra Carvalho, (CAp), Ana Paula Araújo (IH)
- (2) Como os setores centrais de informática, bibliotecas e arquivos da UFRJ podem colaborar com a história dos efeitos da ditadura militar na universidade. Ana Maria Ribeiro (TIC), Paula Mello (SiBi), Andrea Queiroz (Divisão de Memória Institucional/Sibi), Silvia Lhamas (SIARQ), Helio Matos (gabinete da reitoria).
- (3) Repercussões da ditadura sobre a física e a biologia - Ildeu Moreira (IF/UFRJ), Gilberto Hochman (COC/Fiocruz)
- (4) A modernização conservadora da universidade durante a ditadura - Rodrigo Patto (UFMG), Luiz Antonio Cunha (Educação/UFRJ)

(6.1.2.2) -- A atualidade renovada da temática de Memória, Verdade e Justiça

- (1) A transição inacabada e o comando do esquecimento - Lucas Pedretti (IESP/UERJ), Nadine Borges (UniRio)
- (2) Os exilados, “todo um povo à margem da lei” - Felipe Magaldi (Premiação Memórias Reveladas/AN, edição 2024 - artigo acadêmico 1º lugar)
- (3) O Arquivo Nacional e os acervos da ditadura– Monica Lima (UFRJ/AN), Luciana Lombardo (UFRJ/AN)
- (4) A Comissão Camponesa da Verdade – Leonilde Medeiros (CPDA/UFRRJ), Ricardo Braga Brito (UFRRJ)
- (5) Responsabilidade de empresas sobre violações de direitos durante a Ditadura. Pedro Campos, Ana Paula Goulart Ribeiro, Luci Praun, Sebastião Neto
- (6) As mães vítimas da violência do Estado – Adriana Vianna (MN-UFRJ), Juliana Farias (UERJ)
- (7) As comissões de memória e verdade em sua diversidade – Cristina Buarque de Holanda (IESP/UFRJ), Nadine Borges (UniRio)

(6.2) 2º semestre de 2025

(6.2.1) -- Entre a precariedade do trabalho e a utopia do trabalho decente

- (1) O trabalho escravo contemporâneo – Ricardo Rezende (UFRJ), Ângela de Castro Gomes (UFF)
- (2) Aspectos da dinâmica sindical brasileira – Adalberto Cardoso (IESP/UERJ), Roberto Veras de Oliveira (LAEPT/UFPB)
- (3) Direito do trabalho e Supremo Tribunal Federal: embates entre a regulação jurídica de mercado e a justiça social – Elina Pessanha (IFCS/UFRJ), Sayonara Grillo (Direito/UFRJ)
- (4) Estratégias de reconversão industrial e desenvolvimento regional: o projeto Gripen no ABC Paulista – José Ricardo Ramalho (IFCS/UFRJ)
- (5) Os estudos da plantation ao longo do tempo: do latifúndio ao agronegócio e ao plantationsceno – John Comerford (MN/UFRJ) e Olívia Cunha (MN/UFRJ)
- (6) Lançamento do livro *Uma Etnografia retrospectiva; escritos de Moacir Palmeira* – Elisa Guaraná (UFRRJ), João Laguens (MGI), John Comerford (MN/UFRJ)
- (7) Assessorias sindicais; trajetórias biográficas audiovisuais. Jardel Leal (DIEESE), Roberto Veras de Oliveira (UFPB), Mario Ladosky (UFCG)

(6.2.2) -- A circularidade entre preservação de acervos, a pesquisa e a divulgação científica

- (1) Memória, Movimentos Sociais e Acervos Digitais, com Alexandre Fortes (CEDIM-UFRRJ), Paulo Fontes (LEHMT-IH-URJ), José Carlos Matos Pereira (Memov/UFRJ)
- (2) Em torno do acervo Trabalho Comunitário na Rocinha (1977-1983), e o posterior movimento de museus comunitários de favelas. Lygia Segala (LABOEP/UFF), Marco Pestana (Serv. Soc/UFF), Itamar Silva (UC/UFRJ)
- (3) Sobre a experiência da feitura de documentários em ciências sociais. Cornélia Eckert (UFRGS), José Roberto Novaes (UFRJ), Clarisse Peixoto (UERJ)
- (4) Perspectivas do trabalho historiográfico com os acervos de processos trabalhistas. Antônio Montenegro (UFPE), Marcília Gama (UFRPE), Fernando Teixeira da Silva (Unicamp), Larissa Corrêa (PUC-Rio)
- (5) Os acervos sobre terras indígenas, políticas tutelares e movimentos indígenas. João Pacheco de Oliveira (MN/UFRJ), Antonio Carlos de Souza Lima (MN/UFRJ)
- (6) As pesquisas em torno do Programa de Nova Cartografia Social, na Amazônia e em outras regiões. Alfredo Wagner de Almeida (PNCSA/UEA/UEMA)
- (7) Museus indígenas e quilombolas, centro de ciências e saberes. Heloísa Bertol Domingues (MAST), Cynthia Carvalho Martins (PNCSA/UEMA), Patrícia Portela (PPGCSPA/UEMA)
- (8) Trajetórias biográficas audiovisuais. Lançamento do vídeo sobre a trajetória de Lygia Sigaud (MN/UFRJ). Maria Rita Palmeira (produtora cultural), Miguel Palmeira (História/USP), Antonio Carlos Souza Lima (MN/UFRJ)

- (9) A experiência da Universidade da Cidadania (UFRJ). Eleonora Ziller, Dulce Pandolfi, Itamar Silva.

Observação [1]:

Caso se avalie a pertinência da organização de disciplinas de pós-graduação na forma de seminários com bibliografia, no caso de um período mais extenso de duração da cátedra, pensamos que duas ordens de temáticas seriam possíveis; a saber, uma frente em torno do tema do trabalho, outra frente em torno da problemática dos direitos humanos. Seria feito um trabalho de adaptação renovada de cursos colaborativos anteriores com sua bibliografia de base<sup>49</sup>.

Observação [2]:

A cátedra poderá suscitar um trabalho de divulgação científica extrauniversitária no ensino médio ou em entidades da sociedade civil. Para isto ela conta com instrumentos de produção própria a oferecer e debater como os documentários *Tecido Memória*, *Memórias Camponesas*, *Direitos em Construção Permanente*, bem como a série *Incontáveis*. Tanto na equipe do Memov quanto na do Núcleo de Memória dos Movimentos Sociais e Direitos Humanos há membros com experiência nestas atividades.

---

<sup>49</sup> Pelo lado da temática do trabalho se tomaria por base a disciplina:

**MNA841 - Antropologia Do Trabalho:**

*Memória Comparada de Trabalhadores Urbanos e Rurais*

Jose Sergio Leite Lopes, Carolina Castellitte (Pós-doc PPGAS, hoje docente UERJ), José Carlos Matos (Pós-doc PPGAS), Murilo Leal (Unifesp/Pós-doc PPGAS)

Pelo lado da temática movimentos sociais e direitos humanos seria feita uma síntese tendo por base as disciplinas anteriormente ministradas:

Em 2020.1: **MNA826 - Antropologia dos Modos de Regulação Social**

*Disputas pela memória, movimentos sociais e direitos humanos*

José Sergio Leite Lopes, Felipe Magaldi (Pós-Doc CAPES/PPGAS), Luciana Lombardo, Lucas Pedretti e Virna Plastino (Pós-Doc CBAE)

Em 2021.2: **MNA827 - Antropologia do Direito - Movimentos Sociais e Direitos Humanos nas**

*Fronteiras entre Memória e Esquecimento*. Jose Sergio Leite Lopes, Felipe Magaldi, Lucas Pedretti Lima, Luciana Lombardo, Virna Plastino, Paulo Fontes.

Em 2023.1: **MNA853 - Antropologia da Guerra**

*Violência, reconhecimento e reparação na atuação de movimentos sociais de direitos humanos*

Programa em: [https://drive.google.com/drive/folders/1Hqvf3ZxpH0TANceVZS\\_C3771ZbPnWJ1O](https://drive.google.com/drive/folders/1Hqvf3ZxpH0TANceVZS_C3771ZbPnWJ1O)

Jose Sergio Leite Lopes, Lucas Pedretti Lima (pesquisador Pós-doc CMV/UFRJ/FUJB); Luciana Lombardo Costa Pereira (ex-aluna doutorado, servidora da UFRJ, lotada na CMV/UFRJ)

(Para o acesso às bibliografias: as duas primeiras ementas em negrito são ao mesmo tempo links que dão acesso aos programas de curso, a terceira ementa só tem o acesso ao programa da disciplina no google drive do curso, link existente logo abaixo do subtítulo da disciplina).

(\*\*) **Bibliografia** (inclui as referências citadas no texto e outras não diretamente citadas, mas consideradas importantes para o contexto do projeto de cátedra)

ABRAMO, Laís. *O resgate da dignidade; greve metalúrgica e subjetividade operária*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, 293 p.

ALVIM, Rosilene. *A Sedução da Cidade. Os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia. 1997, 207 p.

ALVIM, Rosilene e LEITE LOPES, J.S. “Famílias operárias, famílias de operárias” *Revista Brasileira de Ciências Sociais* nº 14, p. 7-17, out. 1990

ABREU e LIMA, Maria do Socorro de. *Construindo o sindicalismo rural. Lutas, partidos, projetos*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012, 269 p.

BATISTONI, Maria Rosângela. *Entre a fábrica e o sindicato: os dilemas da Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo*. Tese de doutorado em Serviço Social – PUC-SP, 2001. (MOSMSP-Tese-de-Maria-R-Batistoni.pdf. Consultada em 23/10/2019).

BEAUD, Stéphane e PIALOUX, Michel. *Retorno à Condição Operária*. São Paulo: Boitempo, 2009 [1999].

BOURDIEU, Pierre. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, nº 1, janvier 1975, “Presentation”, pp. 2 e 3 e “Méthode scientifique et hierarchie sociale des objets”, pp. 4-6.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. “A greve e a ação política”, p. 195-204. BOURDIEU, Pierre. (Nova edição, Petrópolis: Vozes, 2019. p. 236-247).

BOURDIEU, Pierre. *Science de la Science et Réflexivité*. Paris: Raisons d’Agir, 2001.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de Educação*, organizado por Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOYD, D. A. e LARSON M., *Oral History and Digital Humanities: Voice, Access, and Engagement, Palgrave Studies in Oral History* (Palgrave Macmillan US, 2014).

CARNEIRO, Ana e CIOCCARI, Marta. *Retrato da repressão política no campo. Brasil 1962-1985*. Brasília: MDA, 2011, 371 p.

CARVALHO, Lucas Correia de, “Projeto, conhecimento e reflexividade: estudos rurais e a questão agrária no Brasil dos anos 1970”, IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, tese de doutorado, 2016.

CASTRO, Antonio Barros de. *7 Ensaios sobre a Economia Brasileira*, vol. 1, capítulos 2 e 3, respectivamente “Agricultura e Desenvolvimento no Brasil” e “Agricultura, emprego e desequilíbrios regionais – perspectivas”. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, 4ª ed.; 1ª ed. em 1969.

CHAO, Sophie, et alli. “The Plantationocene as analytical concept: a forum for dialogue and reflection. Sophie Chaou, Wendy Wolford, Andrew Ofstehage, Shalmali Gutte, Euclides Gonçalves and Fernanda Ayala”. Forum on the Plantationocene, *The Journal of Peasant Studies*, July 2023. <https://doi.org/10.1080/03066150.2023.2228212>

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE (CNV) - Volume II do Relatório da Comissão Nacional da Verdade, 2014, respectivamente “Violações dos direitos humanos dos trabalhadores” (p.57-90) e “Violações dos direitos humanos dos camponeses” (p. 91-154).

COHEN, Daniel J. e ROSENZWEIG Roy., *Digital History: A Guide to Gathering, Preserving, and Presenting the Past on the Web* (University of Pennsylvania Press, 2006).

FIRTH, Raymond. 1964.

“Social organization and social change [1954]”, “Some principles of social organization [1955]”. In: *Essays in social organization and values*. London: Athlone. pp. 30-87.

FORTES, Alexandre, CORRÊA, Larissa e FONTES, Paulo (orgs.) [Dicionário histórico dos movimentos sociais brasileiros \(1964-2014\)](http://memov.com.br/site/index.php/component/content/article/17-livros-e-outras-publicacoes/livros-memov/317-dicionario-historico-dos-movimentos-sociais-brasileiros-1964-2014?Itemid=101), 2014. 140 p.  
<http://memov.com.br/site/index.php/component/content/article/17-livros-e-outras-publicacoes/livros-memov/317-dicionario-historico-dos-movimentos-sociais-brasileiros-1964-2014?Itemid=101>

FRENCH, John. *Lula e a política da astúcia*. São Paulo: Expressão Popular, 2022

GARCIA JR., Afrânio, *Terra de trabalho*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GARCIA JR., Afrânio, *O Sul, caminho do roçado ; estratégias de reprodução camponesa e transformação social*. São Paulo/Brasília : Marco Zero/Editora UnB, 1989.

GARCIA JR., Afrânio, « Permanences et mutations dans le Brésil agraire: introduction », *Etudes Rurales*, n. 131-132, jul-déc,1993, p. 9-18.

GARCIA JR., Afrânio, « Les disciples de la “mission française” et la réception de l’anthropologie structurale au Brésil: retour sur un mythe d’origine », *Cahiers de l’éducation et de savoirs* (CRES), Paris: MSH, hors-série n. 2, 2009, p. 57-92

GARCIA JR., Afrânio, « A Sociologia rural no Brasil: entre A Sociologia rural no Brasil: entre escravos do passado e parceiros do futuro », *Sociologias*, Porto Alegre, ano 5, nº 10, jul/dez 2003, p. 154-189

GARCIA JR, Afrânio Raul ; GHEORGHIU, Mihai Dinu (entrevista) “As fronteiras internacionais das ciências sociais: itinerários de um intelectual coletivo”, *Repocs* (Revista Pós Ciências Sociais), v.17, n.33, jan./jun. 2020, p. 221-266; originalmente publicada na revista romena *Psihologia Sociala*, n.º 42, 2018.

GARCIA JR., Afrânio; GARCIA-PARPET, Marie-France; PÉREZ, Amín; POUPEAU, Franck et ROCHA, Maria Eduarda. *Bourdieu et les Amériques. Une internationale scientifique: genèse, pratiques et programmes de recherche*. Paris: Colectivo Éditions de l’IHEAL, 5, juin 2023c, p. 242-269.

GARCIA JR., Afrânio; GARCIA-PARPET, Marie-France. “Mudança social sob a ótica de etnografias conjugadas a métodos estatísticos: ferramentas de Pierre Bourdieu em mundos rurais na Argélia e no Nordeste do Brasil » *Estudos Sociedade e Agricultura* 30(2):e2230208 DOI: 10.36920/esa-v30-2\_st02, julho a dezembro de 2022 (publicação contínua) • e2230208 • 1-31

GARCIA JR., Afrânio e GRINSZPAN, MARIO. Veredas da Questão Agrária e os Enigmas do-Grande-Sertão. In: S. Miceli (org.). *O que ler em ciências sociais*. São Paulo: ANPOCS, 1999. <https://memov.org/site/wp-content/uploads/tainacan-items/53564/53661/Veredas-da-Questao-Agraria-e-Enigmas-do-Grande-Serta.pdf>

HEREDIA, Beatriz Alasia de. *A morada da vida*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979

HEREDIA, Beatriz Alasia de. *Formas de dominação e espaço social. A modernização da agroindústria canavieira em Alagoas*. São Paulo/Brasília : Marco Zero/CNPq/MCT, 1988.

HEREDIA, Beatriz; PALMEIRA, Moacir e LEITE, Sergio Pereira. “Sociedade e economia do ‘agronegócio’ no Brasil”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, RBCS Vol. 25 nº 74 outubro/2010, p. 159-176.

HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence (orgs) *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra 2008 (6ª ed.; 1ª ed. 1997; ed. original inglesa de 1983).

HOGAN, Wesley C. *On the Freedom Side. How Five Decades of Youth Activists Have Remixed American History*. Chapel Hill: University of North Carolina Press. 2019 ISBN: 978-1-4696-5248-1

IIEP/Projeto Memória da OSM-SP. *Investigação Operária; empresários, militares e pelegos contra os trabalhadores*, 2014, 204 p.

LEITE LOPES, José Sergio. *O Vapor do Diabo; o trabalho dos operários do açúcar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 220 p (2ª ed. em 1978).

LEITE LOPES, José Sergio. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés*. São Paulo/Brasília: Marco Zero/Editora da UnB, 1988. 623 p

LEITE LOPES, José Sergio. *A ambientalização dos conflitos sociais; participação e controle público da poluição industrial*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2004. 334 p.

LEITE LOPES, José Sergio. “Os Trabalhadores e o Desencantamento do Mundo em Pierre Bourdieu”. Em Roberto Veras de Oliveira, José Ricardo Ramalho e César Samson, *Diálogos Críticos; o pensamento estrangeiro e a Sociologia do Trabalho no Brasil*. São Paulo: Annablume, 2023a, p. 245-294.

LEITE LOPES, José Sergio. “Considerações sobre conflitos em torno dos direitos do trabalho na cidade das chaminés”, in Antônio Torres Montenegro, Karlene Sayanne Ferreira Araújo (orgs.) *Historiografia: rastros e vestígios documentais de trabalhadores e trabalhadoras*. Recife: Editora da UFPE, 2023b p. 25-48.

LEITE LOPES, José Sergio. “Pierre Bourdieu et le renouveau des enquêtes en sociologie du travail au Brésil. Retour sur les ethnographies des ouvriers du sucre et du textile dans le Nordeste”. In: Afrânio Garcia Jr., Marie-France Garcia Parpet, Amín Pérez, Franck Poupeau et Maria Eduarda Rocha, *Bourdieu et les Amériques. Une internationale scientifique: genèse, pratiques et programmes de recherche*. Paris: Colectivo Éditions de l’IHEAL, 5, juin 2023c, p. 242-269.

LEITE LOPES, José Sergio. “O desvendamento da trajetória individual e a construção das classes trabalhadoras em Lula e a política da astúcia, de John French”. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis | v. 15 | p. 1-17 | 2023d e-ISSN: 1984-9222 | DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2023.e97367>.

LEITE LOPES, José Sergio. “Memória, formas de dominação e de resistência, disputas sobre os significados das anistias”. *Revista Brasileira de História da Mídia*, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 8-33, jul./dez. 2023e.

LEITE LOPES, José Sergio. “Memory, social conflict, and the transformation of social reproduction in the working classes: from generic identity to new identities”, In: Miguel Rivas Venegas and Martina L. Weisz, *Marginality and ‘Resistencia’*, 2025, p. 227-258.

LEITE LOPES, José Sergio. “O desvendamento da trajetória individual e a construção das classes trabalhadoras em Lula e a política da astúcia, de John French” *Mundos do Trabalho*, Florianópolis | v. 15 | p. 1-17 | 2023 e-ISSN: 1984-9222 | DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-9222.2023.e97367>

LEITE LOPES, José Sergio & HEREDIA, Beatriz (orgs.), *Movimentos sociais e esfera pública: o mundo da participação: burocracias, confrontos, aprendizados inesperados* – Rio de Janeiro: CBAE, 2014, 308 p.



LEITE LOPES, José Sergio & HEREDIA, Beatriz (orgs.) *Movimentos cruzados, histórias específicas. Estudo comparativo das práticas sindicais e de greves entre metalúrgicos e canavieiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2019, 576 p.

LEITE LOPES, José Sergio; STAROSKY, Míriam; FERNANDES, Anna; ROSSO, Anne. “Memória, experiência, preservação, transmissão: a construção do acervo de pesquisa do projeto Movimentos Cruzados, Histórias Específicas”. pp. 541-576 in LEITE LOPES, José Sergio & HEREDIA, Beatriz (orgs.), Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2019, 576 p.

LEITE LOPES, José Sergio; LOMBARDO, Luciana; MAGALDI, Felipe; PEDRETTI LIMA, Lucas; PLASTINO, Virna. “Incontáveis”. Série audiovisual de 6 episódios de curta-metragem. Comissão Memória e Verdade da UFRJ, 2021.

LEITE LOPES, José Sergio; PALMEIRA, Moacir; MATOS PEREIRA, José Carlos. “Memórias Camponesas”. Documentário de longa metragem, Memov/CMV/UFRJ. Menção honrosa no prêmio audiovisual Ana Galano, da ANPOCS em 2022.

LEITE LOPES, José Sergio; MATOS PEREIRA, José Carlos. “Direitos em construção permanente”, documentário média metragem (21 min); menção honrosa na premiação de produção audiovisual da ANPOCS de 2020.

LEITE LOPES, José Sergio; MAGALDI, Felipe; PEDRETTI, Lucas; Luciana LOMBARDO; PLASTINO, Virna (orgs.) *Memória, movimentos sociais, direitos humanos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/ FAPERJ, 2024, 509 p.

LEITE LOPES, José Sergio. “Considerações sobre conflitos em torno dos direitos do trabalho na ‘cidade das chaminés’” in: Antônio Montenegro e Karlene Sayanne Ferreira Araújo (orgs.) *Historiografia: Rastros e vestígios documentais de trabalhadoras e trabalhadores*. Recife: Editora UFPE, 2022, p. 20-44. Ver: <https://memov.org/site/wp-content/uploads/tainacan-items/53564/326060/HISTORIOGRAFIA.pdf>

LEVI-STRAUSS, Claude. 1966 [1958]. *Anthropologie Structurale*. Paris: Plon (pp. 303-351)

MEDEIROS, Leonilde. *História dos Movimentos Sociais no Campo*. Rio de Janeiro: FASE, 1986.

MALINOWSKI, Bronislau. *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MONTENEGRO, Antonio. O trabalhador rural nas barras da justiça do trabalho (1964 – 1974). *Revista Territórios & Fronteiras*, Cuiabá, vol. 7, n. 1, abr., 2014, pp. 128-146.

MONTENEGRO, Antonio e ARAÚJO, Karlene Sayanne Ferreira (orgs.) *Historiografia: Rastros e vestígios documentais de trabalhadoras e trabalhadores*. Recife: Editora UFPE, 2022, p. 20-44. Ver: <https://memov.org/site/wp-content/uploads/tainacan-items/53564/326060/HISTORIOGRAFIA.pdf>

NEGRO, Antonio Luigi. *Linhas de montagem. O industrialismo nacional-desenvolvimentista e a sindicalização dos trabalhadores*. São Paulo: Boitempo, 2004, 332 p.

PALERMO, Hernan & CAPOGROSSI (dir.), Lorena. *Tratado Latino-americano de Antropologia del Trabajo*, Buenos Aires/Córdoba: CLACSO, CEIL/CONICET, CIECS, 2020).

PALMEIRA, Moacir. Casa e trabalho: nota sobre as relações sociais na plantation tradicional. *Contraponto*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1977. p. 103-114.

PALMEIRA, Moacir et ali. "Emprego e Mudança Sócio-Econômica no Nordeste". *Anuário Antropológico/76*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, pp. 201-238, 1978.

PALMEIRA, Moacir. A diversidade da luta no campo: Luta camponesa e diferenciação do campesinato. In: Vanilda Paiva. (Org.). *Igreja e questão agrária*. São Paulo: Loyola, 1985.

PALMEIRA, Moacir. "Conflitos de classe sob regime autoritário: o caso do Nordeste" in *Narrativas da Desigualdade; memórias, trajetórias e conflitos* organizados por José Sergio Leite Lopes e Marta Cioccarri (Rio: Mauad, 2013, pp. 23-53)

PALMEIRA, Moacir; GUARANÁ, Elisa; LAGÜENS, João (orgs.). *Uma etnografia retrospectiva, escritos de Moacir Palmeira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2024.

PEREIRA, José Carlos Matos. "Violência e vigilância, greves e resistência do movimento dos trabalhadores canavieiros na Zona da Mata pernambucana", capítulo 8 pp. 373-510 in LEITE LOPES, José Sergio & HEREDIA, Beatriz (orgs.), Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2019, 576 p.

PIKETTY, Thomas. *Capital et Ideologie*, cap. 15. Paris: Seuil, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989, p. 3-15.

RADCLIFFE-BROWN, A.R. 1951. "The comparative method in social anthropology", *The Journal of the royal anthropological institute*. Vol. 81.n. 1/2, pp. 15-22.

REVISTA CONTAG. *40 Anos de lutas ao lado do homem e da mulher do campo*. Disponível em: <http://www.contag.org.br/imagens/CONTAG-Revista40anos.pdf>. 2003. Acesso em: 25 out. 2019.

ROCHA, Maria Eduarda da Mota. *Bourdieu à Brasileira*. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2022.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, 349 p.

SIGAUD, Lygia. "A nação dos homens; uma análise regional de ideologia"

Anuário Antropológico v. 3 n. 1 (1979a), pp. 13-114.

SIGAUD, Lygia. *Os clandestinos e os direitos. Estudo sobre trabalhadores da cana de açúcar de Pernambuco*. São Paulo: Duas Cidades, 1979b. 260 p.

SIGAUD, Lygia. *Greve nos engenhos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, 114 p.

SIGAUD, Lygia. "A collective ethnographer: fieldwork experience in the Brazilian Northeast". *Information sur les Sciences Sociales*, 47:71-97.

SOUZA MARTINS, Heloísa H. T. *O Estado e a burocratização do sindicato no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1979. 191 p.

TARROW, Sidney. *O Poder em Movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, E.P. *Costumes em Comum. Estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998 [1991], 493 p.

TILLY, Charles. *Democracia*. Petrópolis: Vozes, 2013.

TOMIZAKI, Kimi. *Ser metalúrgico no ABC*. Campinas: CMU/Arte e Escrita Editora, 2007.

WARNER, J. Lloyd. *The social system of the modern factory: the strike: a social analysis*. Nova Haven/Londres: Yale University Press, 1965.  
De Sociologia da dominação, p. 695-88

WEBER, Max. *Economia y Sociedad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1969 (capítulos de Sociologia da Dominação, p. 695-889).